



DANÇAS RITUAIS DOS PAULITEIROS

nas festas tradicionais
de Miranda do Douro

Inventário Nacional do Património
Cultural Imaterial

(de acordo com a portaria n.º 196/2010,
de 9 de abril e o Decreto-lei n.º 139/2009,
de 15 de junho)

10-07-2023

Miranda do Douro



DANÇAS RITUAIS DOS PAULITEIROS

nas festas tradicionais
de Miranda do Douro

Inventário Nacional
do Património Cultural
Imaterial

FICHA DE INVENTÁRIO

ANEXO I

ÍNDICE

1. Domínio	7
2. Categoria	7
3. Denominação	7
4. Outras denominações	7
5. Contexto tipológico	8
6. Contexto de produção:	8
6.1 – CONTEXTO SOCIAL:	8
6.1.1. COMUNIDADE(S):	8
6.1.2. GRUPO(S):	9
6.1.3 - INDIVÍDUO(S):	10
6.2 – CONTEXTO TERRITORIAL:	10
6.3 – CONTEXTO TEMPORAL	10
7. Caraterização	10
7.1 – CARACTERIZAÇÃO SÍNTESE:	10
7.2 – CARACTERIZAÇÃO DESENVOLVIDA:	12
7.2.1. Introdução	12
7.2.2. O saber fazer a festa tradicional mirandesa	13
LAÇOS DE TEMÁTICA/FUNÇÃO RELIGIOSA	16
Acto de Contrição (Señor Mio)	16
Aguilas	16
Carmelita	16
Maridito	16
Miraculosa	17
Palombas (Palomas)	17
Pousada	17
Primavera (Primabera)	17
Quatro Ruas	18
Sacramento	18
Santo Antoninho	18
7.2.3. A matriz da festa tradicional mirandesa com danças rituais de pauliteiros	18
7.2.4. Quadro das Festas	20
Cércio: Festa de S. Brás	23
Cércio: Santa Bárbara	25
Constantim: Festa de São João Evangelista	27
Palaçoulo: Festa de Santa Bárbara	31
Prado Gatão: Festa de Santa Bárbara	33
Póvoa: Festa de Nossa Senhora do Rosário	35
Póvoa: Festa do Menino Jesus	35

Quinta do Cordeiro: Festa de Santo Isidro Lavrador	38
S. Martinho: Festa de Nossa Senhora do Rosário	40
7.3 – Manifestações Associadas:	43
8 Contexto de Transmissão	44
8.1. Estado	44
8.2. Descrição:	44
8.3. Modo de transmissão.	45
8.4 – Agentes(s)	45
8.5 – Idioma(s)	45
9 – Origem/Historial	45
Introdução	47
Sobre as danças de armas	49
A tese pírrica ou greco-romana	51
A tese ibero-celta	53
II Documentação	60
10 – Bibliografia	60
11 - Fontes Escritas	61
12 - Fontes Orais	62
13 - Fotografias	62
14 - Filme	62
III Direitos Associados	63
17 - Tipo	63
18 - Detentor	63
IV Património Associado	64
19 - Património Cultural	64
19.1 - Móvel	64
19.2 - Imóvel	68
19.3 - Imaterial	69
20 - Património Natural Associado	69



1. Domínio

Expressões artísticas e manifestações de carácter performativo

2. Categoria

Manifestações musicais e correlacionadas

3. Denominação

Danças Rituais dos Pauliteiros nas Festas Tradicionais de Miranda do Douro

4. Outras denominações

Constantim: Festa dos Moços ou Festa de S. João Evangelista ou Festa das Morcelas

S. Martinho: Festa de Nossa Senhora do Rosário

Cércio: São Brás e Santa Bárbara

Póvoa: Nossa Senhora do Rosário e Festa do Menino Jesus

Palaçoulo: Nossa Senhora do Rosário

Prado Gatão: Santa Bárbara

Quinta do Cordeiro: Santo Isidro Lavrador

5. Contexto tipológico

Danças cerimoniais realizadas nas aldeias de Constantim, Palaçoulo, S. Martinho, Cércio, Póvoa, Prado Gatão e na aldeia anexa de Duas Igrejas, Quinta do Cordeiro, em honra de S. João Evangelista (Constantim); Nossa Senhora do Rosário (Póvoa, S. Martinho e Palaçoulo); São Brás (Cércio); Santa Bárbara (Cércio e Prado Gatão); Santo Isidro Lavrador (Duas Igrejas/Quinta do Cordeiro) e Festa do Menino Jesus (Póvoa).

6. Contexto de produção:

6.1 – CONTEXTO SOCIAL:

6.1.1. COMUNIDADE(S):

Habitantes das povoações que integram o concelho de Miranda do Douro onde as festas rituais com Pauliteiros se realizam – Constantim, Palaçoulo, Póvoa, Duas Igrejas/Quinta do Cordeiro, Cércio, São Martinho e Prado Gatão. No entanto pela inequívoca popularidade destas festas, as mesmas suscitam a adesão de gentes vindas dos concelhos vizinhos, caso de Vimioso (especialmente os casos das festas em Constantim e S. Martinho, por se situarem na raia fronteira com este município, o mesmo se passando com a festa de Palaçoulo em relação ao município de Mogadouro.

É sabido como em meados do século passado (Séc. XX) o contexto económico e demográfico das populações do interior do País, como é o caso, se alteraram profundamente por motivos vários (perda de centralidade, abandono dos campos, emigração e guerra colonial, diminuição da população mais jovem), sobretudo nas décadas de 60 a 80.

Esta realidade, veio dificultar a formação dos grupos de Pauliteiros em cada aldeia, devido à razão de haver muito menos jovens; contudo até aos dias de hoje, todos os grupos referidos neste inventário num total de 6 - presentes em 8 festas – conseguem reunir entre os residentes da sua aldeia um número suficiente de “homens” para a constituição dos grupos de Pauliteiros que participam nas festas referidas em cada uma das aldeias.



6.1.2. GRUPO(S):

Todos os grupos de Pauliteiros referenciados neste inventário, criaram associações onde estão inseridos: Associação Cultural e Recreativa dos Pauliteiros de Cércio; Associação Cultural e Recreativa Pauliteiros de Miranda - Duas Igrejas; Associação Recreativa Constantinense; Caramonico – Associação para o Desenvolvimento Integrado de Palaçoulo; Associação Cultural e Recreativa “Renascer das Tradições; Associação dos Amigos de S. Martinho; Associação de Pauliteiros e Danças Mistas de Prado Gatão.

A descrição de todas estas associações pode ser lida no ponto IV – Património Associado.

6.1.3 - INDIVÍDUO(S):

Fazem parte dos grupos de Pauliteiros: os Pauliteiros, o Gaiteiro, um tocador de caixa e um tocador de bombo. Na aldeia de Constantim, juntasse-lhes um Tamborileiro ou “Tamboriteiro”, como é mais vulgarmente conhecido nas terras de Miranda.

6.2 – CONTEXTO TERRITORIAL:

6.1.1. LOCAL: Freguesias do Município de Miranda do Douro

6.2.2. FREGUESIA (S): União de Freguesias de Constantim e Cicouro, Duas Igrejas, Palaçoulo, São Martinho, Póvoa,

6.2.3. MUNICÍPIO: Miranda do Douro

6.2.4. DISTRITO: Bragança

6.2.5 – PAÍS: Portugal

6.2.6 – NUTS II

6.2.7 – NUTS III

6.3 – CONTEXTO TEMPORAL

6.3.1. PERIODICIDADE: Anual

6.3.2. DATAS

7. Caraterização

7.1 – CARACTERIZAÇÃO SÍNTESE:

Festas tradicionais mirandesas com danças rituais de pauliteiros. Estas oito festas – São Brás (Cércio), S. João Evangelista (Constantim), Nossa Senhora do Rosário (Palaçoulo, Póvoa e S. Martinho), Santa Bárbara (Cércio e Prado Gatão), Santo Isidro Lavrador (Quinta do Cordeiro) e Menino Jesus (Póvoa) - partilham entre si a participação de grupos de Pauliteiros Mirandeses executando danças rituais que se demarcam por completo dos âmbitos e limites da mera exibição folclórica que (também) caracteriza todos outros grupos de pauliteiros mirandeses.

Com efeito, assumem um protagonismo determinante e imprescindível para a estruturação de todo o ritual festivo, a saber:

1. Rondas de peditório pela aldeia no início do dia festivo, com pauliteiros e gaiteiros que vão de casa em casa, acompanhados pelos mordomos, fazer o convite/apelo ritual para a participação da comunidade (em Constantim acompanhados do “careto”, figura solsticial das mascaradas de inverno);

2. Presença ritual dos pauliteiros durante a celebração da missa festiva (dança de laços – repertório dos pauliteiros – como “Ato de Contrição”, também designado “Senhor Mio” e toques de gaiteiros como “Elevação da Hóstia”, “Queremos Deus” e “Miraculosa”) e participação ativa na procissão levando o andor do patrono ao som dos toques de gaiteiros (laços andantes das procissões, “Carmelitas” e “Águilas” e “Passacalhes de Procissão”);

3. Atuação comunitária no sagrado, executando os laços (danças) mais populares e característicos da povoação, encerrando a festa religiosa, para dar passagem à vertente lúdica/profana.

Tradicionalmente, assumiam grande importância os ensaios de preparação da dança na medida em que os grupos eram especialmente constituídos para se apresentarem na festa, cessando a sua existência após a conclusão da mesma. Eram momentos de vivência comunitária que reforçavam a coesão social da comunidade de jovens que naquele ano cumpriam a idade para serem submetidos à inspeção militar. Estas reuniões para a realização de ensaio e posterior seleção dos dançadores finais integravam o conjunto dos ritos de passagem inerentes à participação na festa patronal da povoação.

7.2 – CARACTERIZAÇÃO DESENVOLVIDA:

7.2.1. Introdução

Danças rituais de pauliteiros nas festas tradicionais mirandesas. Eis a proposta para esta viagem por aquela que é uma das mais expressivas manifestações do património cultural imaterial da Terra de Miranda.

Uma viagem pela matriz dominante e identificadora das festas religiosas mirandesas, porque tradicionalmente outras não havia. Festas nas quais os rituais sagrados ou sacralizados não raro se entrecruzavam com os tempos e ocasiões de vivência lúdico-profana, remetendo para contextos de afirmação da religiosidade popular, com fronteiras nem sempre fáceis de destringir e que evidenciam permanências sobretudo determinadas pela vontade das gentes, uma vontade que não raro se confrontou com argumentos canónicos ou teológicos contrários a essa popular vontade. Boas razões teve Robespierre para dizer nas suas cogitações insertas na obra “O Espírito das Leis” que se podia atentar contra a liberdade de um povo e mudar as suas leis mas que “não vos passe pela cabeça tocar nas suas diversões”. Porque sem diversão não há festa e sabendo-o bem às autoridades eclesiásticas consideraram ser um “mal menor”, uma espécie de mal menor, conceder ou atuar com uma certa permissividade - sempre vigilante e nunca em definitivo conformada ou rendida - em face de tais sobrevivências culturais pouco ou nada desejáveis (e abundam textos de condenação das mesmas através dos séculos, desde os não tão remotos como isso tempos históricos do início do combate ao paganismo ou como tal considerado).

A consulta das fontes documentais conhecidas e disponíveis remetem-nos para a execução das danças de paulitos em contextos e ocasiões festivas religiosas, assumindo preponderância as festas tradicionais realizadas em tempo de concretização das colheitas das respectivas comunidades rurais. Com efeito, as danças de paulitos não são objeto de qualquer menção fora desse quadro performativo.

A constatação deste facto não deixa de acrescentar alguma perplexidade e interrogação ao tão propalado carácter guerreiro das danças de paulitos, que continua nos nossos dias a ser objeto de fantasiosas efabulações. Se porventura o teve nas suas origens - origens às quais em bom rigor não conseguiremos jamais chegar em termos comprovadamente

científicos - a verdade é que depois de muitos séculos e sobretudo a partir da criação das festas gremiais e do Corpo de Deus (porque anteriormente de nada sabemos), as danças de paulitos surgem apenas mencionadas em contextos de celebrações religiosas, com uma função ritual. De notar, porém, que muitos dos laços abordam temáticas que não estão diretamente relacionadas com o mundo religioso ou sagrado, o que nos remete para a coabitação performativa dos repertórios, por certo executados durante os respectivos rituais religiosos, como aliás ainda hoje sucede, por exemplo, durante a realização do peditório e mesmo durante as danças no adro do templo. De realçar, ainda, que só a partir de 1898 (aquando da ida a Lisboa do grupo de Constantim) é que os grupos de pauliteiros se passaram a apresentar fora do seu território de origem e em contextos performativos não religiosos, numa dinâmica que foi sobretudo impulsionada apenas a partir de meados dos anos 40 do século passado, graças ao processo de folclorização levado a cabo pelo Padre António Maria Mourinho.

7.2.2. O saber fazer a festa tradicional mirandesa

Na atualidade os grupos de pauliteiros apresentam-se nas mais diversas funções e contextos, o que não acontecia num passado bem recente (grosso modo até aos anos sessenta do século passado), estando até então confinados praticamente às festas em honra de Santa Bárbara e de Nossa Senhora do Rosário (se bem que também de outros santos, como São Brás), em tempos mais recuados, às festas do Corpo de Deus. *Não era outra a função da dança nem dos seus executantes*, escreveu António Maria Mourinho.

Com efeito, dispomos de informações que dão justamente conta do facto de apenas se registarem ensaios (dirigidos ou patrocinados pelos mordomos das festas) para aquelas ocasiões festivas. Com o decurso dos tempos e com o reconhecimento público da importância da manutenção das tradições folclóricas, não raro associadas a processos de construção identitária e de folclorização, tais ocasiões festivas que integravam nas respectivas celebrações as danças de paulitos foram-se alargando.

No que à estrutura tradicional da festa religiosa mirandesa se refere, dispomos de muito esclarecedora narrativa etnográfica escrita e legada por António Maria Mourinho nos seguintes termos:

Os seus dias grandes, nas aldeias, têm sido os das festas do Santíssimo Sacramento, nas quais a dança, porque a procissão não tinha andores, acompanhava a procissão à frente, abrindo o cortejo. Tem sido as festas de Setembro e Outubro em honra de Nossa Senhora; por todo o fim de verão, as festas em honra de Santa Bárbara e outros santos ocorrentes e padroeiros, no fim das colheitas, porque livravam as searas e as vinhas das tempestades de granizo, de raios e trovões. Por extensão, outras festas religiosas a tiveram e têm igualmente. A sua função principal é (acompanhada dos instrumentos clássicos, o trio já citado, ou de flauta pastoril e tambor, na raia), juntar a esmola para a festa, de casa em casa, em volta da povoação, desde manhã, até ao meio dia, hora da missa; acompanharem a procissão do Santíssimo à frente, como já foi dito; levarem, nas festas de Santa Bárbara, quatro guias o andor do padroeiro, quatro peões o andor de Nossa Senhora, se a festa é em honra de outro santo, e, no fim de recolher a procissão, dançar as quatro ruas, no adro da igreja, para toda a gente ver. (...) Não era outra a função da dança nem dos seus executantes, afora as reuniões periódicas que precediam a festa para os ensaios e escolha dos elementos, com consequentes confraternizações, quase rituais, em casa dos mordomos. (Mourinho, 1984)

O padre António Maria Mourinho nunca deixou de reiterar e chamar a atenção para a presença da dança dos paulitos nas festas mirandesas, colocando em destaque a sua integração na parte sagrada e ritual (conforme consta de dactilo escrito arquivado no CEAMM – Centro de Estudos António Maria Mourinho, instalado na Biblioteca Municipal de Miranda do Douro): *Foi sempre a dança clássica das festas religiosas nestas terras, hoje bastante substituídas pelas bandas de música. Dança clássica, quero dizer orquestra ornamental dançante que em seus lhaços movimentados ao som estrondoso do bombo e do tambor dirigidos pelos gritos bíblicos da gaita de foles enchem de movimento, garridismo e som as ruas dos povoados mirandeses nas festas do Corpo de Deus, de Nossa Senhora e dos Santos de sua maior devoção.*

Neste mesmo sentido testemunham as investigações levadas a cabo pelo conselheiro mirandês Artur Carlos Alves, conforme consta dos seus comentários à obra do major de infantaria António José Teixeira, “Em Volta de Uma Espada” (1940), como segue (Alves, 1980): *Na região mirandesa a dança de paulitos saía na festa do Santíssimo Sacramento,*

nas festas de verão, recolhidas as colheitas, festas de Santa Bárbara, a advogada contra as trovoadas, os raios, as tempestades de granizo, que tudo arrasam.

Tinham, pois, as danças de paulitos assegurada uma presença indispensável nas festas religiosas, entrando nos templos e integrando as procissões: Dentro e fora das cerimónias religiosas, como escreveu António Maria Mourinho). A presença das danças de paulitos nas festas de Santa Bárbara recebeu da sua pena assaz esclarecedora descrição, que do mesmo modo nos fornece elementos narrativos sobre a estrutura/matriz dominante tradicional da festa (Mourinho, 1984:470):

Até depois de meados deste século, ainda se conservava a dança das “Palombas”, o laço andante das procissões, em Freixiosa, na freguesia de Vila Chã de Braciosa, na procissão da festa de Santa Bárbara, no primeiro domingo de Setembro. A capela de Santa Bárbara de Freixiosa é no alto de uma colina, distante da povoação uns quatrocentos metros. Antes de se iniciar o cortejo para a igreja paroquial, saía o andor de Santa Bárbara, esperado à porta pelo da Senhora do Rosário, e, diante de todo o povo, o pároco, na presença das imagens; ritualmente, o gaiteiro dava o sinal aos dançadores, a postos para a dança e então dançavam as chamadas quatro ruas, compostas dos laços Acto de Contrição, Carmelita, Ofícios e o Sacramento. Depois, a procissão iniciava a marcha para a igreja, com os dançadores à frente, seguidos dos instrumentos e dos andores, levando à frente os pendões e os estandartes processionais. Ao chegarem à igreja, os dançadores, em duas filas prostravam-se à frente das portas principais do templo e os andores entravam por entre as duas alas, enquanto eles dançavam tocando as castanholas, em guarda de honra, e só paravam de tocar e dançar depois de toda a procissão ter entrado na igreja.

LAÇOS DE TEMÁTICA/FUNÇÃO RELIGIOSA

Acto de Contrição (Señor Mio)

Laço de evidente temática religiosa, de sobremaneira evidenciada pela letra do mesmo, por vezes dançado no interior dos templos como sucede, por exemplo, em Constantim, aquando da celebração da missa da Fiesta de ls Moços (em louvor de São João Evangelista), assim como no sagrado (adro das igrejas e capelas).

A genuflexão integrada na coreografia deste laço - os dançadores ajoelham e batem com os paus no chão - encontra-se bastante generalizada mas na aldeia da Póvoa os pauliteiros locais não a praticam. O batimento dos paus no solo também ocorre noutros laços, como por exemplo *Maridito* e *Caballero*, este último, no entanto, sem qualquer conotação de natureza religiosa.

Aguilas

Laço com uma temática banal que era executada em contexto religioso – na definição de António Maria Mourinho, um laço andante processional –, sem paulitos e apenas com castanholas nas mãos dos dançadores. Sobre o laço “Las Aguilas” disse-nos o gaiteiro Ângelo Arribas: *Era um laço para as procissões, só se tocava nas procissões. Os pauliteiros dançavam-no só com as castanholas.*

Carmelita

Laço de motivo religioso, como tal desprovido da parte final da bicha, sendo um hino em louvor da Virgem Maria. Segundo Artur Carlos Alves, *a palavra carmelita refere-se à ordem religiosa dos carmelitas, que se denominava Ordem da Bem Aventurada Maria do Monte Carmelo, ou monte de Santo Elias, do nome da igreja dedicada àquele profeta, sito na antiga Samaria, Palestina. Os primeiros estatutos da ordem foram aprovados em 1425 pelo Papa Inocêncio IV. Santa Teresa, natural de Ávila, Castela a Velha, professou naquela ordem em 1534; carmelita é, pois, Maria.*

Maridito

Laço, tanto quanto até ao momento foi possível apurar, apenas dançado em Constantim na Festa de São João Evangelista, por ocasião das danças no sagrado após a realização da

procissão. Do ponto de vista coreográfico apresenta a particularidade de os dançadores baterem com os paulitos no solo.

Miraculosa

Laço de origem recente, trata-se de um hino em louvor de Nossa Senhora de Fátima, sendo unicamente dançado pelos pauliteiros da Póvoa (Miranda do Douro). O tema, no entanto, surge amiúde tocado com a função de acompanhar procissões, sem a presença, no entanto, dos dançadores.

Palombas (Palomas)

Segundo António Mourinho este laço, sem motivo religioso que transpareça na respectiva letra, era um “laço andante das procissões”. Tinha, no entanto, essa função religiosa: os dançadores acompanhavam a procissão sem paulitos, apenas com as castanholas nas mãos, enquanto o gaiteiro tocava a moda.

Pousada

A letra poderá aludir ao pedido de estadia de peregrinos na ermida de Santo Antão da Barca, um santuário nas margens do rio Sabor, onde outrora existiu barca para a respectiva travessia, o que trazia grande movimento de passagem de almocreves e de peregrinos por este local. E, no local, existia de facto a possibilidade de se pernoitar nas instalações para tal efeito criadas. Todavia, este relato obtido por via oral carece de confirmação no que se refere à relação directa com a letra deste laço (da consulta dos escritos de Albino J. de Moraes Ferreira e António Maria Mourinho nada se conseguiu apurar).

Primavera (Primavera)

Este laço fornece-nos na sua letra uma assaz esclarecedora descrição sobre o modo como a dança se apresenta em contextos religiosos. De realçar o facto de referir expressamente a existência de oito dançadores, deitando por terra as invenções de Ferreira Deusdado e João Pessanha (sobre a dança, com 16 dançadores, e a meia-dança, com oito dançadores), facto aliás categoricamente refutado por António Maria Mourinho no cancionero mirandês (1984): *A dança de dezasseis elementos, sem fundamento na*

tradição, na própria técnica coreográfica, morreu ao nascer. Não tem, nem nunca teve, na Terra de Miranda razão de ser, o chamar-se meia dança à dança mirandesa dos paulitos.

Quatro Ruas

Trata-se de uma espécie de rapsódia de laços, que são tocados todos encadeados, sem lugar a paragens ou descansos entre eles, o que requer um esforço apreciável por parte dos dançadores, embora em cada um dos laços não se dê as voltas habituais. Razão que está na origem de não ser muito frequente serem dançadas as “Quatro Ruas”.

O conjunto de laços selecionados varia consoante as localidades e os respectivos gaiteiros, apenas se repetindo em todas as variantes conhecidas o *Señor Mio* (ou *Acto de Contrição*) e *Carmelita*). Os outros dois laços incluídos integram o seguinte conjunto: *Ofícios*, *Sacramento*, *Anramada*, *Berde*, *Puente*, *Çaramontaina* e *Vinte Cinco Aberto*.

Sacramento

Este laço tem em S. Martinho de Angueira (Miranda do Douro), o nome de “Laço Novo” (cuja música não é mais do que a do laço “Ofícios”) e teria sido introduzido por um antigo ensaiador dos pauliteiros da terra, de seu nome Firmino Cavaleiro, tendo como letra “uma promessa dos pauliteiros de S. Martinho à Virgem Maria”.

Santo Antoninho

Laço de temática religiosa, constitui um exemplo dos chamados “laços novos”, portanto de criação recente e muito localizada, sendo apenas dançado na povoação de S. Martinho.

7.2.3. A matriz da festa tradicional mirandesa com danças rituais de pauliteiros

As festas tradicionais mirandesas constituem muito expressivo exemplo de permanência continuada de um figurino estabilizado e aceite pelas sucessivas mordomias, apenas com alterações relacionadas com o programa de atividades lúdicas complementares (tendência irregular e dependente do maior ou menor dinamismo das respectivas mordomias, o que é determinante para a angariação dos fundos económicos necessários).

De facto, a organização da festa encontra-se hoje estruturada num programa mais ou menos fixo de atividades e momentos festivos e conviviais, com a componente religiosa muito bem definida e a componente lúdico-profana apenas sujeita a pequenos ajustamentos que de modo algum afetam a matriz tradicional.

Parte lúdico-profana: 1. Alvorada

Trata-se de um tema tradicional instrumental tocado para anunciar aos habitantes o início da festa na aldeia. Este tema é tocado quer pelo conjunto instrumental dos gaiteiros (gaita de foles, caixa e bombo) quer pelos tamborileiros (flauta pastoril e tamboril tocados pelo mesmo instrumentista, podendo ser acompanhado por bombo).

Tradicionalmente este toque era executado num ponto elevado da povoação ou no centro da mesma, normalmente onde se situa a igreja paroquial, sendo na atualidade efetuado aquando da reunião com a mordomia da festa (que pode ocorrer na casa do respectivo juiz ou na sede da associação cultural e recreativa local).

O toque da alvorada servia também para reunir os dançadores de paulitos, sem os quais a ronda de peditório não pode começar. Noutros tempos - nos quais era significativamente maior o número de habitantes da povoação, requerendo por conseguinte a visita a um maior número de casas para obtenção da “esmola” e assim concretizar o “convite” para a participação dos moradores na festa - a alvorada começava bem cedo (não raro comentam os mais idosos entre as seis e as sete da manhã) mas atualmente é tocada bem mais tarde, sempre depois das nove da manhã.

Parte lúdico-profana: 2. Ronda de peditório

O despovoamento que se regista nas comunidades rurais mirandesas fez com que estas rondas sejam cada vez mais rápidas, por não se abrirem a maior parte das casas da povoação, salvo em ocasiões especiais, de regresso à aldeia dos seus naturais e residentes migrados.

Uma vez recebida a “esmola” - outrora em espécie, nomeadamente cereal ou peças de fumeiro mas na atualidade sobretudo em dinheiro - os pauliteiros dançam, quase sempre a pedido do morador, um laço do seu repertório.

Durante o percurso pelas ruas da aldeia, os tocadores costumam animar a função com toques distintos dos que se destinam a ser dançados pelos pauliteiros.

Componente religiosa: 1. Eucaristia

Embora não fosse em boa verdade muito frequente, o certo é que os tocadores - gaiteiros e tamborileiros - tocavam nas missas das festas locais em vários momentos da missa, registando-se no repertório tradicional mirandês toques a santos, ao levantar da hóstia, ao erguer do cálice e ofertório. Existiam também toques para assinalar a entrada do pároco no templo, assim como da respectiva saída. Atualmente só tocam dentro dos templos em ocasiões especiais, como sucede (mas não de forma regular e sistemática) nas festas populares com danças rituais de pauliteiros que ocorrem em Cércio, Constantim (nesta povoação, aquando da Festa de São João Evangelista ou Festa dos Moços, não só tocam como chegam a dançar os pauliteiros), Palaçoulo, Póvoa e S. Martinho.

Componente religiosa: 2. Procissão

Durante a realização da procissão, os tocadores costumam alternar com a reza de orações os seus toques de marchas processionais (passacalhes de procissão) ou mesmo de temas religiosos de composição recente, e os pauliteiros transportam o andor correspondente à advocação da festa.

Componente religiosa: 3. Danças no sagrado

É um dos momentos mais celebrados da interação com a comunidade por parte do grupo de pauliteiros da terra, assumido pelo mesmo como sendo um momento de grande responsabilidade, porque se trata de dançar perante um grupo de pessoas

conhecedoras das danças de paulitos, bastando para tal saberem que entre elas se encontram sempre muitos dos antigos dançadores.

Por outro lado, esta apresentação das danças no sagrado constitui uma oportunidade para apresentar novos dançadores, que para tal se prepararam a preceito, funcionando tal facto como uma espécie de rito de passagem.

7.2.4. Quadro das Festas

MIRANDA DO DOURO	FESTA TRADICIONAL		MATRIZ DA FESTA TRADICIONAL				
	Povoação	Advocação	Mês	Ronda de Peditório	Missa	Procissão	Danças no Adro
Cércio	São Brás	Fevereiro	X	X	X	X	Pendão na procissão
Cércio	Santa Bárbara	Agosto	X	X	X	X	
Constantim	S. João Evangelista	Dezembro	X	X	X	X	Carocho Bielha
Palaçoulo	Santa Bárbara	Setembro	X	X	X	X	
Póvoa	Menino Jesus	Maio		X	X	X	Santos na procissão
Póvoa	Senhora do Rosário	Outubro	X	X	X	X	
Prado Gatão	Santa Bárbara	Agosto	X	X	X	X	
Quinta do Cordeiro	Santo Isidro Lavrador	Maio		X	X	X	Leilão de oferendas
São Martinho	Senhora do Rosário	Agosto	X	X	X	X	



Cércio: Festa de S. Brás

A ronda de peditório ocorre depois de uma longa noite com pauliteiros e mordomos em convívio tradicional de comes e bebes. Os pauliteiros apenas se identificam com o xaile nas costas e o chapéu durante a ronda de peditório pela aldeia e só usam traje completo durante as celebrações religiosas e danças finais no sagrado. Quando passam na casa de um antigo pauliteiro, este, se assim o desejar, incorpora-se na dança, a convite dos restantes membros. Durante os percursos de deslocação entre residências, os gaiteiros tocam temas e modas diversas, com destaque para marchas e passacalhes.

E, como oferta aos moradores pela esmola recebida, dançam os pauliteiros (não raro um laço a pedido). A sucessão de laços durante a ronda de peditório: *Caballero, China, Ofícios, Toro, Ofícios, Vinte e Cinco Aberto, Fado, Carrascal de Bobadilha, Caballero...* Em determinada altura o laço a “Lhiebre” (paus duplos a simular a espingarda). A interação com a comunidade é total: todas as casas com gente se abrem para saudar a comitiva e dar o seu contributo. E são muitas as casas que os recebem porque é dia de festa e muitos dos que estão fora regressam para esse que é sempre dia grande na aldeia.

A fogueira, no largo da aldeia e da associação, está pronta: será acendida lá mais para o meio da tarde e assistirá à queima a gente da aldeia e a granítica estátua de homenagem ao gaiteiro, que em Cércio teve dois grandes nomes: Francisco Martins, dito Tiu Nieves ou Tiu Chico Cabreiro, e Manuel Francisco Aires, dito Tiu Pascoal.

Os gaiteiros - tocadores de gaita de foles, caixa e bombo - são gente da terra. Mas o gaiteiro fez questão de nos dizer que o que gostava mesmo era de dançar nos pauliteiros e que só começou a tocar gaita de foles porque era preciso manter a tradição gaiteira na aldeia e para não terem de recorrer a gaiteiros de fora, o que era sempre um problema porque os pauliteiros não estavam habituados a dançar com outros toques.

Nalgumas casas, o convite para entrar e comer e beber envolve toda a comitiva oficial - tocadores, pauliteiros e mordomos -, mas por vezes o convite feito pelos donos da casa é extensivo aos acompanhantes. Doces, vinho fino, vinho corrente, bolos, fumeiro, queijo, fiambre. Mesa farta porque é dia de festa. Um dos mordomos com um serrão recolhe os donativos (quase exclusivamente em dinheiro mas incluindo algumas peças de fumeiro, porque cada vez se mata menos o porco para o sustento da família) que servirão para custear as despesas da festa, que são muitas (lenha, sermão, missa e merenda comunitária em torno da fogueira).

Quando à tarde sai a procissão, uma vez celebrada a missa, à qual a grande maioria dos pauliteiros não assiste, o pendão vai na frente, levado por três moços pauliteiros, trajados a rigor. Os restantes elementos transportam o andor de S. Brás. Apenas dois andores na procissão: Nossa Senhora, seguida de S. Brás. Os toques dos gaiteiros alternam com as orações sob a direção do pároco.



Cércio: Santa Bárbara

A nova mordomia é nomeada pela mordomia cessante e é depois proclamada pelo sacerdote na igreja, sendo deste modo oficializada a sua nomeação. É constituída por três homens casados e duas moças solteiras. Habitualmente os familiares ajudam os mordomos na concretização da festa. Os homens tratam da limpeza do adro, competindo às mulheres a ornamentação do andor de Santa Bárbara, colocação do ouro e demais aspetos relacionados com o interior do templo sagrado.

A festa de Santa Bárbara compreende todos os elementos caracterizadores da festa tradicional mirandesa: depois do toque de alvorada pelos gaiteiros, estes acompanham os pauliteiros na ronda de peditório pela aldeia, sendo a recolha das ofertas efetuada pelos mordomos que acompanham a comitiva. Dançam na frente de todas as casas que abrem as suas portas, podendo integrar antigos pauliteiros residentes nessas mesmas casas, se assim o desejarem.

Depois da missa, os pauliteiros participam na procissão, acompanhando o andor de Santa Bárbara e, uma vez recolhida a procissão ao interior da igreja paroquial de Cércio, realizam-se as tradicionais danças no sagrado. É um momento muito emotivo e vivido pela comunidade, assistindo-se à apresentação de novos pauliteiros quando é o caso disso.

Durante a tarde, no largo principal da povoação, realiza-se um convívio que envolve toda a comunidade presente neste dia de festa e de convivência comunitária. De salientar que realizando-se a festa de Santa Bárbara na aldeia de Cércio (uma anexa da freguesia de Duas Igrejas) durante o mês de Agosto, é enorme a afluência dos naturais da terra e respetivos familiares, que trabalham fora, quer no País quer no estrangeiro.



Constantim: Festa de São João Evangelista

A Festa de São João Evangelista (Festa dos Moços ou Festa das Morcelas) integra vários tempos e inicia-se oito dias antes, conforme no-lo reportou um dos seus guardiães, o gaiteiro e tamborileiro Aureliano Ribeiro, entretanto já falecido, em entrevista realizada em 2002:

Trata-se de uma festa cujas origens se perdem nos séculos passados e que começa oito dias antes. A rapaziada da terra pega num carro de bois e vai para o monte saber de lenha. E esta lenha para que se destina? Para com ela serem cozidos os tremoços e as castanhas que vão ser oferecidos pelos mordomos no dia da festa. Uma vez terminada a tarefa da recolha, cada moço leva uma caldeira, que é cheia de tremoços e assiste-se então a uma competição, a ver

quem faz ferver primeiro a sua caldeira de tremoços. Uma vez cozidos, os tremoços são colocados em sacas e são deixados num poço, totalmente cobertos pela água, durante oito dias, findos os quais são retirados (na véspera da festa), bem lavados e preparados para serem distribuídos.

Celebrando-se a *Fiesta de ls Moços* dentro do ciclo dos doze dias, o fogo não podia deixar de estar presente através da fogueira de Natal, cuja realização é, uma vez mais, da responsabilidade da mocidade, como no-lo reportou o referido gaitero-tamborileiro de Constantim:

No dia de Natal, a mocidade reúne-se de novo e de novo vão puxar um ou dois carros de bois para recolherem a lenha (cepos, ramos e troncos) para a fogueira de Natal, a qual deverá ser acesa por volta das seis horas da tarde, no largo para o efeito adequado. Nesse mesmo dia, pela noite, actua o grupo de pauliteiros junto da fogueira, procedendo-se depois à distribuição do “convite” por cada morador: uma medida de castanhas, uma medida de tremoços e vinho. E dança-se até às tantas da madrugada.

Até que chega o dia da grande festa em honra de S. João Evangelista. O cortejo concentra-se junto da fogueira que na noite anterior foi acendida: gaiteros e pauliteiros, o Carochó (cuja identidade é suposto ser desconhecida pela maioria das pessoas) e a Bielha vão seguir no trajeto definido pelos mordomos da *Fiesta de ls Moços* percorrendo as ruas da aldeia para a concretização do peditório. E, de novo, seguimos as descrições de Aureliano Cristal Ribeiro:

Ao romper do dia da festa de S. João, toca-se a alvorada com os gaiteros, para anunciar ao povo o início das festividades. Finda a alvorada, todos se reúnem à volta da fogueira: o grupo de pauliteiros, o conjunto instrumental, os mordomos, a Bielha e o Carochó. E dali se parte para dar a volta à aldeia, dançando-se na frente de todas as casas habitadas e recolhendo as respectivas dádivas.

O Carochinho e a Bielha entram em casa, dão as boas festas e a Bielha entrega o “convite” (tremoços e castanhas) à dona da casa. E, em troca do “convite”, esta oferece duas ou três peças do seu fumeiro (morcelas, chouriças, salpicões, etc.).

A função do Carochinho é a de atemorizar a dona da casa para que esta lhes retribua o “convite” pois, caso não o faça, ele atacará o seu fumeiro com as tenazes. Quanto ao dono da casa, este é abordado pelo guia da frente dos pauliteiros no sentido de saber qual é o lhaço que o mesmo quer que seja dançado. Em troca, o dono da casa dá-lhe dinheiro, o qual reverterá para custear as despesas da festa.

Depois de concluída a volta do peditório por toda a aldeia segue-se a missa, na qual os pauliteiros dançam lhaços religiosos, como o Senhor Mio ou as Carmelitas. Uma vez finda a missa segue-se a procissão, à volta da igreja, sendo o andor do santo predileto, S. João Evangelista, levado pelos pauliteiros, ao som da gaita de foles e do toque das castanholas. Terminada a procissão, recolhe-se de novo à igreja e depois, no sagrado, no adro, o grupo de pauliteiros faz uma atuação demonstrativa daquilo que dançou durante a ronda pela povoação. Segue-se, à tarde, o baile da mocidade.

Ao Carochinho tudo é permitido: a subversão de todas as regras integra um ritual de transgressão que nos remete para um mundo às avessas, de folias e desmandos, de permissividade total contra a ordem estabelecida no quotidiano. Semeará a desordem, retirando do interior das casas que visita tudo o que lhe apetecer, desarrumando tudo o que lhe apetece. Trata-se de toda uma encenação que percorre as ruas de Constantim, apenas contida e refreada quando se passa na casa de alguém que tenha falecido nesse ano: então os pauliteiros não dançam, a música não se faz ouvir e reza-se um padre-nosso ou uma ave-maria pela alma do conterrâneo falecido.

Os dias que se seguem vão completar todo o ritual da *Fiesta de Ls Moços*, com a realização do jantar comunitário e a concretização do ritual de passagem:

No dia seguinte realiza-se a ceia comunitária. Os mordomos vão buscar a carne que foi recolhida e tudo é confeccionado durante o dia. Deve comparecer nesta ceia comunitária pelo menos uma pessoa de cada casa, bem como todos os convidados pelos mordomos,

peessoas que fizeram parte da festa ou que ajudaram. No dia seguinte dá-se o ritual de passagem: os moços reúnem-se de novo, os mordomos apresentam as contas da festa e o juiz da mocidade determina que este ou aquele pague uma certa quantia ou um ou dois garrações de vinho. E, a partir daí, o seu nome é registado num livro, dizendo que fulano de tal já faz parte da mocidade.

Em seguida fazem-se as eleições secretas (foram sempre secretas, mesmo antes do 25 de Abril de 1974) dos novos mordomos. Há uma urna na qual serão depositados os votos, mas se houver algum mordomo que manifeste a intenção de continuar esse fica logo eleito e não participa na votação.



Palaçoulo: Festa de Santa Bárbara

A festa em honra e louvor de Santa Bárbara, na aldeia de Palaçoulo, ocorre em tempo tradicionalmente dedicado à celebração das colheitas, num contexto agro-pastoril por excelência. A exuberância da festa e a atuação ritual dos pauliteiros na mesma eram evidências da importância que a comunidade atribuía - e continua a atribuir - a esta festa que, direta e indiretamente, envolve toda a comunidade que nela participa com elevados níveis de participação, que se alarga inclusivamente às povoações vizinhas.

Os mordomos da festa convocam os pauliteiros e os gaiteiros tradicionais para a realização do toque de alvorada, de manhã cedo, com convívio de “mata-bicho” entre todos partilhado na sede da associação local - “Caramonico - Associação para o Desenvolvimento Integrado de Palaçoulo”, onde o grupo de pauliteiros se encontra sediado - após o que se seguirá a ronda de convite e peditório por toda a povoação, retribuindo-se a obtenção da esmola para a festa com danças rituais dos pauliteiros (não raro de se indo ao encontro das solicitações

formuladas pelas casas visitadas que se abrem suas portas à comitiva) e estrealjar de foguetes.

A celebração da missa ocorre no final do peditório, mas sempre depois do almoço, assistindo à mesma quer os pauliteiros quer os músicos, que entram no templo a tocar castanholas e entregando os respectivos chapéus às namoradas ou colocando-os no andor de Nossa Senhora do Rosário.

A procissão que se segue à celebração da missa é um dos momentos mais emocionantes da festa, com os pauliteiros a carregar o andor de Nossa Senhora do Rosário, o último do cortejo processional, com os gaiteiros a alternarem toques processionais (“Passacalhes”, “Queremos Deus”, “Miraculosa”) com orações coletivamente recitadas, sob o comando do pároco.

Uma vez terminada a procissão, os pauliteiros recolhem seus chapéus do andar de Nossa Senhora do Rosário, que transportaram, e preparam a atuação em frente da porta principal da igreja matriz de Palaçoulo. O povo assiste em peso a esta representação etno-folclórica que culmina as celebrações rituais religiosas da grande festa da povoação. Trata-se de um atuação que todos os pauliteiros consideram ser muito importante, não raro se apresentando, pela primeira vez, alguns dos novos pauliteiros da terra, ensaiados a preceito para a função neste dia grande. Para estes, trata-se de um verdadeiro rito de passagem, a partir do qual o seu estatuto de moços de pleno direito surge legitimado pela população.

O repertório desta actuação (ou actuações) contempla os laços mais emblemáticos e apreciados na terra: *Campanitas de Toledo*, *“Yerba”*, *“L Fado”*, *“Vinte e Cinco Aberto, Ofícios”*, *“Anramada”*, *“D. Rodrigo”*, *“Padre António”*, *“Lhiebre”* e culminando com o sempre *espetacular e muito aplaudido, Salto ao Castelo*.



Prado Gatão: Festa de Santa Bárbara

A festa em honra de Santa Bárbara é “festa grande” na aldeia de Prado Gatão, uma povoação anexa da freguesia de Palaçoulo, concelho de Miranda do Douro.

A mordomia da festa é assegurada por duas casas, ou seja, por duas famílias, que são nomeadas pela mordomia cessante. À mordomia compete a organização de todos os atos integrantes da mesma. E, desde logo, a contratação dos pauliteiros, que ocupam um lugar central nas celebrações, a saber:

- Realização do peditório pela aldeia, que tem a dupla função de convidar os residentes de cada casa para participarem na festa, assim como a angariação de fundos para a mesma; a comitiva da ronda de peditório é integrada pela mordomos, tocadores tradicionais (gaita de foles, caixa e bombo) e grupo de pauliteiros da aldeia

(que não se apresentam completamente trajados, apenas com jalecos e chapús) que agradecem a “esmola” recebida dançando um “Ihaço” (nome genérico das danças de palitos), por vezes a pedido de alguém da casa visitada;

- Participação, devidamente trajados, na procissão que se realiza depois de celebrada a missa da festa, acompanhando o andor de Santa Bárbara;
- Danças rituais no sagrado: ocorrem no sagrado (adro) depois de a procissão recolher ao interior do templo e são um dos momentos mais participados da festa, sempre aproveitado para apresentar à comunidade os novos pauliteiros, graças aos quais se vai garantindo a continuidade da tradição.

Dado que a festa ocorre em meados de Agosto, muitos dos filhos da terra que se encontram a trabalhar e a residir fora da mesma regressam e participam ativamente nas celebrações e nas danças rituais. Toda a comunidade vive a festa muito intensamente.



Póvoa: Festa de Nossa Senhora do Rosário

A festa em honra e louvor de Nossa Senhora do Rosário continua a fazer-se na aldeia da Póvoa segundo/seguindo os moldes tradicionais, a que não falta a “festa do arroz doce” (dois dias antes do dia grande) e que constitui o primeiro momento de reunião comunitária integrada nas celebrações.

A mordomia é constituída por dois rapazes e duas raparigas, solteiros, que são nomeados para a função no dia 1 de Janeiro de cada ano, sendo a primeira atividade que desenvolvem a Festa dos Reis (juntamente com os mordomos cessantes), indo de casa em casa a cantar os Reis e convivendo na casa dos novos mordomos. Realiza-se aquele “dia grande” no primeiro domingo do mês de Outubro, sendo a véspera destinada à animação musical da festa, durante a qual os pauliteiros da Póvoa e os mordomos da festa ultimam os preparativos para a função, utilizando para os efeitos as instalações da sua associação cultural, “Renascer das Tradições”.

Esta instituição criada em 1983, que alberga o grupo de pauliteiros da Póvoa, trabalha em estreita colaboração com os mordomos da festa na concretização da mesma, assumindo-se como guardiões da sua realização segundo o modelo tradicional. Função esta que começa cedo, na manhã, com a realização de ronda de peditório: gaiteiros, pauliteiros e mordomos visitam as casas ainda habitadas da aldeia (e na altura da festa muitos dos ausentes regressam para participar na festa), recolhem a oferta dos moradores para a festa, que deste modo são convidados para a participação da mesma. O que constitui uma realidade pois

toda a comunidade é envolvida e participa na festa. Quando se passa na casa de alguém que já foi pauliteiro, este é convidado a substituir um dos guias ou peões do grupo.

Depois da missa, os pauliteiros transportam o andor de Nossa Senhora do Rosário na procissão, misturando-se os toques dos gaiteiros com o repique festivo dado a preceito nos sinos da igreja matriz (não raro a tradicional “molinerá”, tocada nos dois sinos).

Depois, no espaço do adro adjacente - o sagrado - assiste-se à atuação dos Pauliteiros da Póvoa, executando as danças mais conhecidas e populares na terra e aproveitando para apresentar os novos dançadores, tarefa nem sempre fácil de concretizar na medida em que o despovoamento destas terras torna o número de jovens disponíveis para tal um “bem” cada vez mais escasso.

Este é um dos momentos altos da festa, sendo participado por toda a gente presente na aldeia, que deste modo acarinha e reconhece os seus pauliteiros. Um momento de intensa partilha comunitária de um património cultural imaterial que é símbolo identitário de uma terra que se assume como sendo, na Terra de Miranda, a “capital da gaita de foles”.



Póvoa: Festa do Menino Jesus

Realiza-se sempre em meados de Maio a festa em honra e louvor do Menino Jesus, correspondendo a uma velha tradição da aldeia da Póvoa, conforme referem os mais idosos moradores da aldeia.

Com exceção da ronda de peditório, que não se faz, todos os restantes atos obedecem à matriz tradicional da festa: celebração da missa (à qual a esmagadora maioria dos pauliteiros não assiste), procissão (na qual é costume saírem todos os andores, com as respectivas mordomias e na qual os pauliteiros se incorporam, executando os gaiteiros toques alternados com orações) e danças no sagrado, que terminam sempre com o espetacular, *Salto do Castelo*.



Quinta do Cordeiro: Festa de Santo Isidro Lavrador

A povoação de Quinta do Cordeiro é uma anexa da freguesia de Duas Igrejas, pertencente ao concelho de Miranda do Douro. Trata-se de uma aldeia de reduzidas dimensões, atualmente com uma população limitada a quatro famílias.

A festa em honra e louvor de Santo Isidro Lavrador, que se realiza em finais de Maio de cada ano, suscita sempre uma adesão muito significativa por parte das gentes da sede da

freguesia, algumas das quais com vínculos de nascimento e familiar com a Quinta do Cordeiro. De tal maneira que a festa é sempre muito participada.

A sua organização em termos de mordomia responsável pela singela organização da festa não é tarefa fácil, requerendo uma disponibilidade que não raro se repete, o que é assumido sem contrariedade por parte dos nomeados.

A matriz da festa respeita o formato tradicional da festa mirandesa, sendo no entanto a ronda de peditório não efetuada tendo em conta a escassíssima população residente.

Depois da missa festiva, normalmente realizada ao ar livre da a exiguidade da capela - onde existe um altar para tal efeito construído com pedra e cimento - realiza-se a procissão com o andor de Santo Isidro Lavrador a ser acompanhado pelos pauliteiros vindos de Duas Igrejas. A paisagem sonora antropofónica é conformada pelo toque incessante da sineta da capela e pelas marchas processionais executadas pelo trio tradicional de gaiteiros (gaita de foles, caixa e bombo), alternando com orações determinadas pelo sacerdote celebrante. O percurso é muito reduzido tendo em conta a dimensão da povoação.

Uma vez realizada a procissão, os dançadores do Grupo de Pauliteiros de Duas Igrejas efetuam a suas danças rituais no sagrado, em frente ao altar de fora, com todos os festeiros a assistirem. Laços como *Campanitas de Toledo*, *Ofícios*, *Vinte e Cinco de Roda*, entre alguns mais, fazem as delícias dos presentes. Assim como o facto de a dada altura (no ano de 2023) o grupo aproveitar esta ocasião festiva para apresentar dois dos mais jovens dançadores (que recebem os chapéus dos dançadores substituídos), os quais, ainda não trajando de pauliteiros, desempenham a função com distinção, recebendo os aplausos generalizados da assistência. Todos sabem que deste modo se assegura a transmissão intergeracional das danças de palos e a satisfação espelha-se no rosto da comunidade.

A função dos pauliteiros termina com a sempre emblemática e espetacular dança ritual do *Salto ao Castelo*, seguindo-se a oferta de tremoços à população e o leilão de oferendas, cujas receitas revertem a favor da mordomia para pagamento das despesas da festa.



S. Martinho: Festa de Nossa Senhora do Rosário

Segundo a tradição oral, durante a epidemia da peste negra que assolou a Europa (entre 1348 e 1350) todas as moças da povoação de S. Martinho morreram e os moços prometeram à Virgem Maria que todos os anos fariam uma dança de pauliteiros em sua honra se livrasse a aldeia da peste. Antigamente, a Nossa Senhora dos Rosários era na terra designada por Nossa Senhora dos Solteiros, pelo que foi a escolhida para o dia da festa e da dança, que continua a ser efetuada exclusivamente por rapazes solteiros.

Se na festa de Nossa Senhora do Rosário, que se realiza em finais de Agosto (tradicionalmente era por volta do dia 8 de Setembro mas foi antecipada em cerca de duas e semanas para permitir a participação dos emigrantes vindos em férias), os pauliteiros continuam a suar calças na sua indumentária, já o mesmo não sucede normalmente quando se deslocam para fora do concelho em representação etnofolclórica da terra.

A festa é organizada por uma comissão de mordomos constituída por três rapazes (juiz, secretário e tesoureiro, aos quais compete a organização em geral da festa, integrando foguetes, comes e bebes) e duas raparigas (estas ocupam-se da organização religiosa, decoração da igreja e dos andores, marcação da missa e organização da procissão), a quem outrora competia a escolha e formação do grupo de pauliteiros que dançaria nesse sano na festa, assim como velar pelo cumprimento do regulamento interno (que ainda hoje vigora, sendo assinado pelos integrantes da dança que se comprometem a comparecer pontualmente aos ensaios e atuações, sob pena de serem multados.

Depois de no centro da aldeia, sem qualquer traje especial, fazerem a apresentação pública do grupo, na noite da véspera, os pauliteiros do ano e os futuros dançadores, juntamente com os mordomos e os músicos, realizam um convívio na sede da Associação dos Amigos de S. Martinho, que se prolonga pela noite dentro, com comida de carneiro e abundante bebida, sendo então eleitos, mediante votação, os mordomos para o ano seguinte.

Por volta das seis horas da manhã, os pauliteiros e os músicos, acompanhados pela mordomia da festa, tocam a “Alvorada”, para anunciar publicamente o início da festa, e percorrem as ruas da aldeia, dançando e lançando foguetes na frente das casas dos futuros mordomos, que assim são avisados, pela primeira vez dessa qualidade. Depois, os pauliteiros do ano e os futuros pauliteiros, reúnem-se no largo da igreja, ensaiando todos os laços que serão dançados durante a ronda de peditório, que começa sempre com o laço “Jesus Mio” (também conhecido por “Senhor Mio” ou “Ato de Contrição”. Durante o peditório, apenas os pauliteiros do ano veste, os jalecos e os chapéus (os restantes componentes do traje serão apenas envergados para a missa e procissão e dança final no sagrado), levando raminhos de manjerico para oferecerem às raparigas. Em frente da igreja, os chapéus são colocados no chão, rezam um Pai-Nosso e depois dançam.

Durante o peditório pela aldeia, em que recolhem dinheiro que é guardado numa mala transportada por um dos mordomos (outrora havia dois tipos de ofertas: em dinheiro, que revertia a favor da santa, e em espécie - sobretudo peças de fumeiro - , que ficava para os moços e mordomos), dançam o laço que lhes for pedido pelo dono ou dona da casa, sendo os espécimes mais pedidos: *Vinte e Cinco Aberto*, *Vinte e Cinco de Roda*, *Santo Antoninho e D. Rodrigo ou Bicha*, (estes dois últimos são dançados em torno de um alqueire de trigo, que algumas pessoas ainda continuam a oferecer como dádiva simbólica e ritual para a festa). Quando passam numa casa que está de luto todos descobrem a cabeça e rezam apenas um Pai-Nosso ou Ave - Maria, a sinal do gaiteiro.

Ao passarem nas casas dos mordomos, os do ano e os futuros, toda a comitiva é convidada para comer e beber. Acompanhadas pelo gaiteiro e em volta da mesa cantam: uma canção de agradecimento, num misto de mirandês e português “*E este pão e este vinho/ que seja remelhorado,/ que seja remelhorado.// Yó la bi correr/ la lhebica pula arada,/ yó la bi correr/ i nó le dicho nada,/ que seja remelhorada,! que seja remelhorada*. Na passagem por locais religiosos (capelas, igrejas, estátuas de santos, alminhas) dançam o laço “Jesus Mio” (sem chapéus na cabeça).

Aquando do início da celebração da missa, os padres entram na igreja seguidos pelos gaiteiros e pauliteiros, estes tocando castanholas. Após a missa realiza-se a procissão, saindo na mesma os andores de S. Pedro, Santo António, S. Ciríaco, S. Tomé, Santo Antão, Santa Bárbara, S. Martinho, Sagrado Coração de Jesus, Nossa Senhora de Fátima, Menino Jesus, Nossa Senhora da Purificação, Senhora da Piedade e, por último, o de Nossa Senhora do Rosário, que é acompanhado pelos pauliteiros devidamente trajados (que depositaram os seus chapéus no andor da padroira da festa). Durante a procissão os gaiteiros executam marchas processionais – “Passacalhes de Procissão”, “Queremos Deus”, “Miraculosa”.

Finalizada a procissão, os pauliteiros vão dançar em frente da igreja um repertório de dez laços (nos quais se incluem, além dos já citados, *Mirandum*, *Lhiebre*, *Lhaço Nuobo*, *Ofícios*, *La Berde*, sendo um dos momentos rituais mais apreciados e participados. Ainda na tarde da

feita realiza-se um baile e, no dia seguinte, o último convívio – reunindo dançadores, mordomos e músicos – comendo-se, por tradição, bacalhau e com bebida a preceito.

7.3 – Manifestações Associadas:

Assumem particular relevância os convívios gastronómicos diretamente associados às festas, constituindo momentos de grande e intensa celebração entre os respetivos residentes e seus familiares e amigos ausentes da terra por motivos de trabalho, quer em Portugal quer no estrangeiro, que regressam durante os dias de festa. Envolvendo toda a comunidade - como sucede em Cércio, Constantim e Palaçoulo - ou para o grupo restrito dos protagonistas ativos da festa - como sucede em S. Martinho - são ocasiões festivas de celebração e de reconhecimento do esforço dos mordomos, pauliteiros (com especial referência para os novos pauliteiros e instrumentistas), constituindo momentos de intensa socialização propiciada pelas festas, pelo que são por todos considerados como fazendo parte integrante e indispensável das mesmas.

Do mesmo modo, embora de modo já não sistemático e regular mas circunstancial ou ocasional, são pontos altos da festa a realização de bailes, outrora nos terreiros das aldeias ao som do trio instrumental tradicional – gaita de foles, caixa e bombo – mas atualmente sobretudo mediante o recurso a grupos de baile música ligeira. Nos últimos dez anos tem-se, no entanto, vindo a recuperar os bailes tradicionais, ocasiões particularmente apreciadas pela apresentação de novos tocadores de gaita de foles e percussões acompanhantes, como resultado de o notável incremento do ensino da música tradicional na região (sobretudo protagonizado pela Associação Lérias, muito ativa em todo o concelho de Miranda do Douro).

Nas manifestações etno-folclóricas de música e dança dos pauliteiros – como sucede aquando da sua participação nas festas onde garantem a presença ritual da dança de paulitos -, a capa de honras mirandesa integra sempre o vestuário dos respetivos grupos, com um elemento da comitiva envergando a capa de honras mirandesa a desfilar e a permanecer ao lado do porta-estandarte durante toda a execução dos laços pelos pauliteiros.

8 Contexto de Transmissão

8.1. Estado

Ativo

8.2. Descrição:

Todas as festas nunca deixaram de se realizar, integradas no calendário cristão, independentemente da presença ou não das danças rituais dos pauliteiros mirandeses. Quando isso ocorreu, tratou-se de celebrações correntes, na maior parte dos casos com missa e singela procissão. Com efeito, anos houve em que a inexistência de pauliteiros ativos assim como de gaiteiros inviabilizou a concretização da estrutura tradicional: nomeação de mordomias, convívios gastronómicos, rondas de peditório, missas, procissões e bailes nos terreiros, tendo com protagonistas estruturantes os pauliteiros e respetivos gaiteiros.

Isto ocorreu, grosso modo, entre finais dos 50 e meados dos anos 70 do século XX, por força de vários fatores de natureza económica e social que vieram alterar profundamente a vida nas comunidades mirandesas: a emigração para destinos europeus, que retirou da terra os mais capazes e os moços, a quem a dança dos pauliteiros estava tradicionalmente confiada, assim como os gaiteiros e respetivos acompanhantes de caixa e bombo; e, por outro lado, a incorporação massiva determinada pela guerra colonial veio introduzir nas comunidades um ambiente de apreensão e de tristeza generalizada, pouco receptiva para a fruição das festas, acrescentando que, tradicionalmente, os mordomos das festas eram os moços que tendo ido às “sortes” (inspeção militar) tinham ficado isentos do cumprimento do serviço militar e, como tal, deveriam assegurar a realização das festas. O quadro social das aldeias tornou-se pouco propício ou mesmo adverso à tipologia tradicional das três festas, porque este fenómeno foi transversal a toda a Terra de Miranda. De salientar que em Constantim, durante os anos em que a festa não se realizou (durante o período atrás referido) o tamborileiro Virgílio Cristal saía sempre pela aldeia a tocar no dia grande da festa ritual. No entanto, com maior ou menor dificuldade foram-se realizando e “ressuscitando”.

Dado que todas estas festas sempre envolveram as comunidades de uma forma muito intensa de adesão e participação, a preservação dos seus traços e atos distintivos permaneceu de forma muito activa na memória das gentes, que foram determinantes para a sua revivificação, a partir sobretudo de meados dos anos 70 do século XX, e de forma

ininterrupta até aos nossos dias (salvo em tempos de confinamento pandémico no ano de 2020, com celebração de missa e arruada de gaiteiros pelas ruas da aldeia durante a tarde).

8.3. Modo de transmissão.

No âmbito comunitário a aprendizagem das tradições ocorria por imersão: o facto de se pertencer a uma determinada comunidade era determinante para que a transmissão vivenciada ocorresse, assim se assegurando as dinâmicas do *perpetuum mobile* do corpus tradicional.

Todas estas festas foram conservadas na memória oral das respetivas comunidades de forma natural, por serem por todos vivenciadas e podendo sempre contar-se com os testemunhos dos mais velhos – em última instância sempre os mais fiéis guardiões da tradição – e a respetiva transmissão deu-se por via oral.

Os seus principais agentes foram os festeiros, a comunidade mais velha de homens e mulheres (nas quais se integram pauliteiros ou assistentes e elementos integrantes das antigas mordomias), assim como a comunidade em geral.

No caso dos pauliteiros, são transmissores os ensaiadores, normalmente saídos dos melhores “dançadores” (nome mirandês para “pauliteiros”). Estes foram determinantes não só para a preservação dos “lhaços” mais característicos ou populares das respectivas comunidades (nalguns casos mesmo com carácter de exclusividade) mas também para os traços de identidade coreográfica local das danças (de tal maneira que ainda hoje determinados grupos não conseguem dançar ao som de gaiteiros estranhos, porque “lhes trocam as voltas” da dança).

8.4 – Agentes(s)

8.5 – Idioma(s)

Português e Mirandês

9 – Origem/Historial

Nota dos responsáveis pela documentação deste inventário.

Mário Correia, investigador principal desta candidatura ao Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial – juntamente com o coordenador Hélder Ferreira – é autor do livro “A Dança Dos Pauliteiros, Memória e Identidade da Terra de Miranda”, edição Município de Miranda do Douro, 2ª edição, 2022. Neste livro que é uma referência para o estudo e compreensão das danças tradicionais dos Pauliteiros de Miranda do Douro é feita uma descrição extensa e rigorosa sobre as origens e a história da tradição das Danças dos Pauliteiros. Sendo Mário Correia autor desse texto e um dos responsáveis desta candidatura, optamos por inserir um resumo do capítulo dedicado às origens das Danças dos Pauliteiros que se encontra no livro referido.

Introdução

Reúne no presente um consenso muito amplo a ideia de que são remotas as origens destas danças – pese embora a tão escassa como não menos imprecisa documentação e informação disponível não raro sujeita a (re)interpretações extensivas de modo algum sólida e rigorosamente fundamentadas – sendo do mesmo bastante partilhada a assumpção de que se perderam e/ou modificaram os significados originais, ou como tal considerados.

De facto, muitos autores situam os antecedentes das danças com paus em remotas danças destinadas sobretudo à iniciação dos jovens, conferindo-lhes um carácter ginástico-imitativo das lutas e dos combates, desempenhando inequívoca função iniciática, o que, do mesmo modo, remete também para as danças ditas guerreiras, sem todavia deixarem esses estudiosos de chamar a atenção para a vinculação dos paus a ritos de fecundidade associados a ancestrais cultos agrários.

No entanto, o arcaísmo das raízes – de um modo geral admitido com grande probabilidade – terá praticamente desaparecido, no que também coincidem a maior parte dos estudiosos, dando lugar a expressões conformadas com bem menor antiguidade por aculturações e modificações várias ao longo dos tempos. Neste sentido, foi determinante a sua integração por confrarias e paróquias, grémios e câmaras municipais nas procissões religiosas. Com efeito, esse processo de conformação aconteceu, sobretudo, com a integração das danças de paus (e de outras danças) no conjunto processional da festividade do Corpus Christi, promulgada em 1264 pelo Papa Urbano IV, através da bula intitulada “Transiturus de hoc mundo”, tendo como ponto de partida uma festa que tinha sido criada na Bélgica (Liège), em 1246, a partir de uma visão de uma freira cisterciense, Santa Juliana. Uma interpretação para alguns considerada literal e algo extensiva da recomendação constante da referida bula – *Cante-se a fé, dance-se a esperança, salte-se de alegria a claridade* – teria estado na origem das procissões, exuberantes, do Corpo de Deus.

Nestas procissões integraram-se muitas das antigas danças rituais e processionais que eram interpretadas nas igrejas e que fizeram parte dos actos litúrgicos (que, no entanto, a partir do III Concílio de Trento, começaram a ser especialmente visadas por censuras, interditos e proibições). A associação de diversões populares e de figuras grotescas, de carros

sacramentais e de danças populares na festividade do Corpus Christi, representa, alegoricamente, os vícios e as maldades humanas, que deveriam ser dominadas e vencidas pelas virtudes cristãs. No entanto e apesar de todas estas simbologias, estes cortejos processionais do Corpus Christi começaram a ser proibidos a partir do primeiro terço do século XVI, por força dos “desmandos, exageros e licenciosidades” que se lhe conferiam. Mas enquanto duraram com o seu fulgor e representatividade originais, as procissões do Corpus Christi constituíram expressivos repositórios dos folguedos populares, sendo os respetivos “tombos” fontes de informação etnográfica (e não só) de grande importância. E seria por esta razão que se prolongou a sobrevivência e permanência de expressões culturais e culturais herdadas do paganismo, as quais, naturalmente, foram sendo progressiva e sucessivamente depurados dos seus significados originais (tanto quanto porventura os mesmos tenham conseguido resistir à sobreposição dos tempos vivenciados) e funções tradicionais, adequando-as e conformando-as aos rituais cristãos. A contínua hostilidade das autoridades eclesiásticas acabou por extirpar praticamente todos esses resquícios culturais, remetendo-os para isoladas periferias de acentuada ruralidade, como sucedeu com a dança de paulitos no Nordeste Transmontano

Julio Caro Baroja (Baroja, 1984) remete-nos, assim, para aquele que é um facto indesmentível no contexto em que nos movemos, colocando em evidência que não existe um consenso entre os estudiosos sobre as origens das danças de paulitos, podendo as divergências entre etnólogos e folcloristas podem ser enquadradas em três campos de análise:

- . uns, partindo das semelhanças com as danças com armas, que se acham assaz documentadas pelos autores da antiguidade, defendem o seu intrínseco carácter guerreiro;
- . outros, opondo-se diretamente aos defensores da tese anterior, destacam aquilo a que chamam as suas qualidades propiciatórias e de fertilidade;
- . e, por fim, outros apoiam-se na mais consistente documentação disponível e avançam com o enquadramento das origens das danças de paulitos nas antigas danças gremiais de carácter religioso que costumavam ser apresentadas nas procissões (com especial destaque para as do Corpo de Deus).

Se todos os patrimónios se erguem e se conformam como resultantes de sobreposições de tempos também as danças de espadas ou paulitos incorporam, tal como as conhecemos na actualidade, elementos recebidos ou herdados de distintas culturas ao longo dos tempos, sendo mais que provável a perda dos significados rituais originais.

Se as danças de paus ou de espadas em tempos remotos conformavam práticas cerimoniais de iniciação dos jovens nas principais tarefas exigidas a uma comunidade – a agricultura e a guerra – a verdade é que essa função propiciatória original de iniciação (um rito de passagem associado à coesão social do grupo) não só foi profundamente alterada como em muitos casos se perdeu na totalidade. Mas no que a essa função iniciática diz respeito, registre-se o facto de ainda hoje, na Terra de Miranda, a integração dos jovens nos grupos de pauliteiros locais ser pelo mais jovens entendida como um factor de afirmação pessoal na comunidade como “moços” (rito de passagem, segundo Van Genep).

Sobre as danças de armas

De um modo assaz generalizado, tem-se vindo a considerar que as danças de paulitos integram o grupo das chamadas danças de armas, tendo por base o pressuposto de que os paus substituíram espadas, facto que carece de prova documental que o sustente de forma rigorosa. E um outro argumento a favor desta filiação radica na semelhança que se considera existir entre os movimentos e figurações das danças de paulitos e os que são referenciados na descrição das danças de espadas. Muitas são as danças que, existindo em distintas culturas, apresentam ou se caracterizam pelos seus movimentos de luta, não raro de inequívoca feição marcial, porventura com significados rituais originais que já se perderam no decurso dos tempos mas que poderão estar associadas a um processo de exercitação de capacidades e habilidades adequadas e exigidas pelos combates ou correspondendo a um desenvolvimento ritual de movimentos daquele tipo.

Admite-se, de um modo mais ou menos geral, que as chamadas danças rituais europeias possam ter uma tal derivação, tendo praticamente todas perdido esse aspecto de luta, podendo mesmo o uso das espadas ou dos paus derivar do simbolismo do poder atribuído quer às espadas quer aos paus, bastões ou varas. Os paus ou varas foram sempre sinais de

poder, identificando os detentores de autoridade e, com algumas modificações, chegaram a ser símbolos do domínio absoluto. E tornaram-se um elemento mágico-ritual nas mãos dos sacerdotes das mais diversas religiões.

Apresentam estas danças rituais factores de diferenciação das chamadas danças sociais que devem ser tidos em conta: execução em simultâneo por um número fixo de executantes, alguns dos quais assumindo inequívocas funções de liderança; utilização de espadas ou paus que já não executam movimentos de luta propriamente ditos; associação a rituais e tradições expressivas de ritos de fertilidade e fecundidade.

As danças com armas encontram-se referenciadas nas obras de autores clássicos, como Plutarco, Luciano, Diodoro de Sicília, Tito Lívio, Xenofonte (*Anábasis*), Silio Itálico (*As Guerras Púnicas*) e Estrabão (*Geografia*), entre outros.

Os Gregos sempre demonstraram um grande interesse pela música e pela dança, não raro associado à dança (da qual se conhecem os nomes de mais de três dezenas) ao exercício físico (entre os Espartanos, por exemplo, o seu objectivo era o de formar as almas ao ritmo da música). De facto, muitos dos movimentos de um grande número de danças sugerem uma tal vertente física. Porém, apenas em teoria se torna possível estabelecer relações, ainda que perdendo-se na poeira dos tempos, das danças com armas com as danças de paulitos, apresentando estas um significado completamente diferente, com o sentido primitivo totalmente modificado uma vez comparada a atualidade com os dados constantes dos referidos textos.

Refletindo a partir das propostas formuladas por estudiosos como Maurice Louis – que distingue entre danças de espadas onde a espada representa o elemento mais importante e onde a espada pode ser substituída por outros objetos, como paus e lenços, entre outros (Louis, 1984) – e Curt Sachs – ao colocar ênfase especial sobre a questão, ainda em aberto, se a dança de espadas emergia da dança de paus e vice-versa ou se as duas formas existiam ao mesmo tempo (Sachs, 1933) Maurice Louis efetuou uma profunda análise das danças de armas e a sua reflexão a partir dos trabalhos de Curt Sachs constitui, ainda hoje, objecto de estudo e de atenção.

Em resumo, Curt Sachs considera que não são as espadas que foram substituídas por paus na sequência de circunstâncias diversas, mas sim que foram os paus que deram lugar às espadas metálicas para se conseguir um entrechoque mais sonoro, ao serviço da defesa contra os espíritos hostis. Mas estas danças de entrechoque não são jogos de esgrima, os paus primitivos não eram mais do que o prolongamento das mãos. Portanto, os paus e as armas metálicas são absolutamente mudáveis entre si. E Sachs conclui afirmando que os elementos que encontramos nas danças de armas e que conhecemos bem, remontam a diversos períodos da pré-história, desde o paleolítico até ao neolítico e que “o seu ponto de encontro se situa na idade do metal”.

As opiniões de Curt Sachs, constituindo para numerosos folcloristas uma espécie de evangelho, podem encontrar-se nas teses mais diversas e estão na origem da afirmação de que das danças de armas são encantos de fertilidade e que o primeiro dançador que se ergue do pavimento figura o espírito da vegetação.

Rodney Gallop não hesitou em inserir a *Dança dos Paulitos* num contexto europeu, integrando a uma longa cadeia de danças com origens que considerou bem mais rituais do que propriamente militares. Refletindo sobre a perda dos sentidos e significados originais se inscrevem as análises de Tomaz Ribas, avançando mesmo com a sua concordância com as teses agro-ritualistas que têm vindo a suscitar trabalhos de investigação de tão vasta como rigorosa envergadura documental.

A tese pírrica ou greco-romana

Sebastián de Cobarruvias, no seu famoso *Tesoro de la Lengua*, publicado em 1611, avançou com um autor das danças guerreiras executadas pelos soldados espartanos e atenienses ao afirmar que os homens armados que ao som da música e a compasso se lançavam uns contra os outros simulando combates eram os *pyrricos*, designação derivada do nome de *Pirro*, inventor deste género de dança para acostumar os jovens a sofrerem com as armas e a caminhar e saltar com elas...

De acordo com os estudiosos da etimologia grega, a palavra “pírrico” é proveniente da palavra grega “pyrrikós”, que designa a cor “vermelha”, aludindo à cor dominante da chama das tochas; e a palavra “pyrriké” significa “dança das tochas”, enquanto que “pyrrikia” designa a “dança de espadas a cavalo” que era praticada na Lacedemónia com o objetivo de exercitar a juventude (tratava-se, segundo as descrições disponíveis, de uma dança que requeria muita destreza e apresentada uma grande vivacidade, executada ao som das flautas e ao compasso dos choques entre lanças e espadas, simulando os acidentes de uma luta verdadeira que era muito representada em Esparta e em Creta).

A tese dita pírrica foi uma das mais generalizadas, tendo em Portugal sido perfilhada por estudiosos como Ferreira Deusdado, Padre Pessanha e Abade de Baçal. De acordo com as informações do Abade de Baçal, teria sido o Padre João Manuel Pessanha, o primeiro a formular tal afirmação, em 1886 (Deusdado, 1886), hipótese amplificada por Ferreira Deusdado (Deusdado, 1898), retomada por Albino de Moraes Ferreira (Moraes Ferreira, 1898), entre outros estudiosos. Pela riqueza informativa desta polémica vamos alongar-nos um pouco na respectiva descrição iniciando justamente a controvérsia com Ferreira Deusdado.

No sentido de considerar as origens da *Dança dos Paulitos* na *dança pírrica* apontam também as análises do Padre José Miranda Lopes, que foi pároco na freguesia de Argozelo, localidade pertencente ao concelho de Vimioso. (Lopes, 1933)

José Leite de Vasconcelos, porém, nos seus prestigiados “Estudos de Filologia Mirandesa”, foi o primeiro autor conhecido que saiu a terreiro para contrariar a filiação das origens da *Dança dos Paulitos* nas chamadas *danças pírricas*, refutando a corrente formulada por João Pessanha e Ferreira Deusdado, escrevendo: *Sem se apresentarem mais provas que a fortuita coincidência de alguns passos, não se poderá dizer tão peremptoriamente que a dança dos paulitos é a dança pyrrhica.* (Vasconcelos, 1900)

E, em 1938, Luís Chaves veio também inscrever-se na corrente de estudiosos e investigadores que se demarcavam da tese pírrica, preferindo uma filiação de natureza peninsular, de algum modo antecipando as formulações da chamada tese ibero-celta.

(Chaves, 1938) O Padre António Maria Mourinho, depois de recapitular os “passos” principais desta polémica, reiterou as posições de José Leite de Vasconcelos (Mourinho, 1957): *Uma respeitável série de escritores em Portugal tem seguido e transcrito as opiniões do Pe. Pessanha e de Ferreira Deusdado, incluindo o saudoso Mestre e amigo Abade de Baçal mas não me lembro de ter visto em parte alguma apontada esta afirmação de Leite de Vasconcelos que há cinquenta e sete anos foi impressa e não revogada. (...) É nossa opinião, pelo que fica dito que algo de romano com tradições gregas, algo de ibérico e de outras procedências e os séculos cristãos posteriores completaram o que hoje encontramos vivo entre nós, na Península – uma dança perfeita dos paus, no traje, na letra, na música, na expressão coreográfica, mesmo com todas as suas inúmeras variantes.*

A tese ibero-celta

Muito se tem dito (e não raro se não mal dito pelo menos de forma de toda infundamentada e desprovida de rigor) a pretexto do carácter guerreiro da dança dos paulitos. E um dos argumentos aduzidos radica mesmo no facto de os Celtiberos outrora sediados na chamada bacia do Douro se exercitarem, em tempo de paz, através de jogos de simulação de combates (Estrabão). Ora sucede que até ao presente nada nos permite relacionar tais jogos com a dança dos paulitos, sendo, pois, desprovida de rigor científico tal afirmação (pese embora o facto de se poderem avançar algumas suposições ou presunções nesse sentido mas com fundamentações manifestamente insuficientes para a obtenção de conclusões devida e adequadamente sustentadas). Do mesmo modo, carece de fundamento um eventual “cruzamento” destas danças guerreiras dos Celtiberos com as chamadas danças pírricas, como pretendem alguns etnólogos.

A favor da chamada tese ibero-celta têm surgido trabalhos de diversos autores e investigadores, como bem o refere Marta Gómez Paris, Rafael Gómez Pastor e Elias Martinez Muniz: *Alguns autores apontam a teoria de que estas danças antigas chegaram à meseta ibérica com os Vacceos (pertencentes aos Celtiberos e que ocuparam a actual Tierra de Campos), povo este que, segundo Estrabão, foi famoso pelos seus ritos e danças típicas com as quais os jovens demonstravam a sua força, coragem e habilidade para serem considerados adultos e obterem o estatuto de guerreiros durante os sacrifícios nas noites de plenilúnio. Aurélio Chapmany, por exemplo, diz que estas danças faziam parte da cultura*

romana e se introduziram na cultura dos iberos durante a etapa da romanização. Veneravam, no tempo dos plenilúnios, a um deus sem nome especial, cantando em coro e dançando em festejo solene às famílias diante das suas casas ao som da gaita ibérica ou da tibia vascã, constituindo seus anais históricos as canções épicas e poemas immortalizando as glórias alcançadas pelos membros da tribo. Em tempo de paz gozava-se a juventude cantando romances acompanhados com vistosas danças guerreiras. De um modo geral, todos os povos hispanos sentiam grande afeição às danças bélicas e simulacros de combate.(Paris, 2006)

Importa ter bem presente que as danças guerreiras foram sempre executadas em tempos de paz, não só como forma de exaltação dos valores da combatividade e dos feitos e conquistas alcançadas, mas também como forma de exercício para manter em boa forma os combatentes. Em todas as sociedades guerreiras a educação ministrada aos jovens era em primeiro lugar orientada para aspectos físicos. O treino do corpo, em tempos de paz, era um elemento fundamental da sua formação, não sendo, portanto, este tipo de danças atributo específico de uma determinada sociedade ou comunidade de povos mas um denominador comum e transversal no tempo. Seja como for, os estudos realizados até ao presente e orientados no sentido do carácter guerreiro das danças dos paulitos de modo algum são conclusivos, nem sequer hoje objecto de maior análise e reflexão por parte da esmagadora maioria dos estudiosos, que quase coincidem em termos unânimes na constatação que se torna imperioso considerar como bom ponto de partida a perda do sentido original.

No princípio era a dança e a dança era o ritmo; e a dança estava no ritmo, afirmou Serge Lifar. O tempo e a razão não eram determinantes para a execução da dança nos mais remotos tempos da humanidade: bailava-se em qualquer ocasião e por qualquer motivo. A dança, de facto, era veículo privilegiado de expressão do cósmico equilíbrio entre o tempo e o espaço. Servia para evocar e exorcizar as forças indomáveis da natureza, intervinha como factor propiciatório da protecção contra os males e as doenças, garantia a fertilidade e a fecundidade, contribuía para a sacralização das relações humanas e para a solenização das relações sociais e estimulava o divertimento. (Urtasún) Vida, força, abundância e saúde (Bada) surgiram simbolizados na dança, que começou por ser extática (Curt Sachs): *O primeiro êxtase do homem primitivo, a primeira estilização dos seus movimentos e dos seus gestos, a dança, é também a principal expressão da magia, do contacto da alma com a*

divindade, um rito. Ela domina as fórmulas maiores da tribo: a religião e a guerra. O primeiro dançante é sempre o sacerdote.

De facto, é o estado de êxtase que define a essência da dança. No princípio era individual, caracterizada pelos seus movimentos convulsivos e desordenados, numa espécie de êxtase e de não possessão de si mesmo. A progressiva estilização dos seus movimentos foi permitindo a transmissão da dança de geração em geração. Foi, naturalmente, um processo muito longo e demorado aquele que foi desenvolvido pela dança entre a fase extática, individual e sem figuras e a fase mimética, colectiva e com figuras (Adolfo Salazar).

Foi justamente a total perda do sentido original que levou outros autores a prestarem uma maior atenção a aspectos ditos do tipo propiciatório procurando fixar às danças de paulitos simbolismos associados ou derivados de ancestrais cultos ou rituais de fertilidade e de fecundidade. Tal é o caso, por exemplo, de Curt Sachs que, na sua influente e indispensável *Histoire de la Danse*, publicada em 1938, considera que a dança, como representação de uma luta, deixa de apresentar um aspecto guerreiro para se converter *numa pugna entre a energia negativa da defesa e a energia positiva da fertilidade*. Com efeito, a propósito da perda do sentido original das danças de espadas, escreveu Curt Sachs: *O significado original das danças de espadas perdeu-se. Porém, a sua reconstrução não é difícil através da ajuda proporcionada pelos diversos elementos que a compõem. Não se trata só de uma estilização coreográfica do combate, mas também reúne as duas energias sobre as quais assenta o crescimento: a energia negativa da defesa e a energia positiva da fertilidade. Ao que se une a cor branca do vestuário, as caras enegrecidas, as soalhas, o careto, uma representação da morte e posterior ressurreição e, por fim, o cruzamento das filas de dançadores. Trata-se, inquestionavelmente, de um ritual de vegetação. Tudo isto é mais que suficiente para testemunhar a origem pré-histórica das danças de espadas...* (Sachs, 1938)

A este propósito, António Sánchez del Barrio, no seu trabalho *Danzas de Palos*, publicado em 1996, refere que *se bem que Curt Sachs ainda atribua às danças de paulitos qualidades do tipo guerreiro, centra-se todavia mais nas características referentes à provocação da natureza, adquirindo os pauliteiros um sentido fálico, com as vestes brancas a levar-nos até representações de virgindade, sendo o entrecruzar dos dançadores entendidos como movimentos vegetativos*. (Barrio, 1996)

Estamos, por conseguinte, perante as teses características dos animistas que, na esteira da célebre obra de Frazer, *La Rama Dorada*, se afirmam como *defensores do espírito primitivo, mimético e vegetalista dos actos religioso-culturais dos seres humanos*, como escreveu José Manuel González Matellán (Matellán, 1987). James Frazer, por sua vez, considerou que as danças de paus e de espadas estão relacionadas com as mascaradas de Inverno e que os golpes de espadas e de paus no chão são actos para fazer crescer as plantas e afugentar os maus espíritos, encontrando nas diferentes figuras dos bailes com paus gestos próprios das velhas cerimônias agrárias para favorecer o crescimento e a fecundidade da terra, muito especialmente aquelas em que os dançantes picam o solo; segundo ele, isso recorda o ato de remover a terra com os paus. Portanto, para os etnólogos, as danças de paus transcendem a conexão com a dança pírrica e com outras danças guerreiras da antiguidade, sendo o seu espírito muito mais antigo já que formaram parte dos rituais mágicos dos povos agrícolas e gadeiros da Europa pré-histórica, ainda que o seu aspecto guerreiro possa ter-se acentuado com o contacto com as sociedades grega e romana. Júlio Caro Baroja, por sua vez, analisou as atitudes clássicas e anti-clássicas e reconheceu que não é necessário pensar que constantemente foram de carácter guerreiro mas de carácter mágico-imitativo (a madeira do pau, vegetal, produz ou ajuda a produzir o vegetal) mas apesar de não querer estabelecer uma relação directa entre as danças de aspecto guerreiro da antiguidade clássica e as actuais, não deixa de lhes reconhecer algumas semelhanças.

Dança peninsular ainda hoje muito popular em praticamente toda a Espanha e dançada, em Portugal, apenas nos concelhos de Miranda do Douro, Vimioso e Mogadouro, a *Dança dos Paulitos* ter-se-á popularizado na área compreendida entre os rios Sabor e Douro, a chamada Terra de Miranda, graças aos repovoadores da província espanhola de Léon em consequência da invasão muçulmana.

Na sua origem – afirmou o Padre António Maria Mourinho (Mourinho, 1957) – *terá recebido algo das tradições militares autóctones dos povos indo-ibéricos, depois dos greco-romanos, como se verifica da natureza militar de diversos elementos (movimentos coreográficos, trajes e adornos, etc.), que a compõem, mas não fugiu de influências medievais e posteriores, dada a sua estrutura actual, tendo sido sempre acompanhada pela tradição cristã e orientada*

nesse sentido pela vida religiosa dos povos peninsulares. Analisada em todos os seus movimentos coreográficos, com nomenclatura própria, verifica-se que é uma dança perfeita instituída através dos séculos pela tradição para oito elementos participantes, em que cada um tem o seu lugar certo e insubstituível, não havendo lugar para mais, nem sendo possível dançar-se com menos, tal como é em Terra de Miranda. Contudo, verifica-se ainda que representa esta dança uma instituição popular local, fruto de muitos séculos, que confirmam, em Portugal e em Espanha, as raízes comuns ibero-latinas...

De um modo geral, os investigadores convergem numa classificação, por critérios de antiguidade, a partir do modo como os paulitos são tocados: quando um dançador bate com os seus próprios paulitos, trata-se da dança mais antiga, com mais ampla difusão e própria de uma civilização inferior; quando os paulitos se entrechocam com os de distintos dançadores, trata-se de uma dança pertencente a uma civilização mais recente e encontra-se no Hawaii, Indonésia e Europa. Nas danças de paus mirandesas predominam os toques do segundo tipo, integrando porém vários toques (de passagem entre figuras) individuais e correspondentes ao primeiro tipo.

A filiação das danças de palos no período Neolítico – aquando do aparecimento das práticas agrícolas – vinculada a ritos de fertilidade e de fecundidade da terra e incorporando rituais mágicos profiláticos e propiciatórios (Aranburu, 1998) foi uma linha de investigação formulada e fundamentada a partir do pressuposto de que os paus foram as primeiras “ferramentas” agrícolas para colocar as sementes na terra, convertendo-se desse modo em objectos sagrados ou sacralizados ao perfurarem a terra para a fecundarem e atraindo os espíritos da terra quando se entrechocam, assim se favorecendo a germinação das sementes (Armstrong, 1984). Não deixa de ser oportuno referenciar que num laço como o *Señor Mio* (ou *Acto de Contrição*) os paus golpeiam o chão, simbolizando o ato primordial da fecundação da terra, o que segundo muitos autores corresponde à negação da tese guerreira para explicar as mais remotas origens das danças de palos. No entanto, esta filiação neolítica está longe de recolher consenso sobretudo porque *apesar de sugestiva e coerente na sua formulação, se apresenta como uma tese de difícil sustentação ou confirmação científica* (Aranburu, 1998). No entanto foi e continua a ser objecto de reflexão. Nas suas pesquisas sobre as “danzas de paloteo” em terras castelhanas (nomeadamente na região de Aranda de Duero), Fernando Lázaro Palomino (Palomino, 1987) ao procurar

reflectir sobre as mais prováveis origens destas danças inscreve algumas das mais recentes linhas de investigação, reconhecendo a existência de diversas correntes de opinião entre os especialistas:

Sem dúvida que estas danças se devem aparentar com ritos pagãos, sendo a questão das suas proveniências ou origens a que suscita mais confronto teórico: enquanto que a ideia mais generalizada até há uns anos era a de conferir a estas danças um carácter guerreiro, cada vez mais se impõe a questão de se lhes atribuírem qualidades propiciatórias e de fertilidade, aparentando-as deste modo com ritos agrários ancestrais. Neste sentido surge correcta a ideia de Josep Crivillé através da qual nos recorda como os paus ou pequenos bastões foram os primeiros instrumentos utilizados pelo homem para realizar as suas tarefas agrícolas nas sociedades pré-agrárias. Por outro lado, é um facto indiscutível a crença de se considerar a dança como elemento que favorece a germinação das colheitas. O que pode ser comprovado em muitas das passagens destes bailes, quando os próprios dançantes se inclinam para a terra e cravam nela os paus, recordando esta atividade agrária de semear utilizando um bastão. Outra possibilidade que se considera é a de contemplar as danças de palos como constituindo restos de antigas danças gremiais.

Este golpear do solo com os paus pelos executantes deste tipo de danças tem vindo a ser, de facto, objecto de reflexão por parte dos investigadores que no presente se têm vindo a debruçar sobre esta matéria, como é o caso de António Ruiz Veja quando aborda as festas e as tradições populares da região de Soria:

Obedecem estas danças a ritos guerreiros e viris mas são também preces elevadas à divindade a favor da fecundidade da terra. Os espíritos adversos dos gados, bosques e lavradores devem ir-se para longe quando ouvem o choque das espadas ou paus entrechocando-se nos ares. Bailes bascos e sorianos têm em comum o seu carácter agrário, ao golpear o chão com os paus está a produzir-se um acto de magia empática: chama-se o grão, para que saia, cresça e frutifique.

No entanto esta associação dos golpes de paus no chão a antigos cultos de fertilidade – ritos culturais em honra da Mãe-Natureza – nem sempre é pacificamente aceite na

comunidade de investigação destas matérias, que não raro consideram tratar-se de uma outra maneira de obter sonoridades que o desenvolvimento da dança ao longo dos tempos veio requerer aos respetivos executantes. E, do mesmo modo, a genuflexão que antecede esse golpear do solo com os paus pode não ser necessariamente resultante da cristianização destas danças. Trata-se, em boa verdade, de refutar ou pelo menos pôr em causa o paradigma folclórico de se ter forçosamente de encontrar uma explicação para tudo quanto não está suficientemente bem explicado no presente.

II Documentação

10 – Bibliografia

ALGE, Barbara: 2005: *Os pauliteiros de Miranda e os “Ihaços”*: entre a literatura popular, a dança e a música. Edição Apenas Livros, Lda., Lisboa.

ALGE, Barbara: 2004: *Continuidade e mudança na tradição dos Pauliteiros de Miranda (Trás-os-Montes, Portugal)*. Tese de mestrado na área de musicologia apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Culturais da Universidade de Viena, Áustria, orientada pelo Prof. Dr. Gerhard Kubik, Fevereiro de 2004.

CORREIA, Mário

2001 *Raízes Musicais da Terra de Miranda: Miranda do Douro, Mogadouro e Vimioso*. Sons da Terra, Vila Nova de Gaia.

2002 *Bi Benir la Gaita – Contributos para a História dos Gaiteiros Mirandeses*. Edição do Instituto de Desenvolvimento Social, Lisboa.

2012 *Histórias de Vida dos Gaiteiros do Planalto Mirandês*. Âncora Editora, Lisboa.

2018: *A Dança dos Pauliteiros. Memória e Identidade da Terra de Miranda*. Edição Câmara Municipal de Miranda do Douro.

CORREIA, Mário; CAMEIRÃO, Alfredo: 2015: *Rituais com Máscaras – Miranda do Douro: S. Pedro da Silva, Constantim, Vila Chã de Braciosa*. Coordenação de Hélder Ferreira. Edição Progestur, Lisboa, 80 págs.

DEUSDADO, Manuel Ferreira

1886 *A Dança de Paulitos*. In *Revista de Educação e Ensino*, vol nº 13, Lisboa.

1898 *A Dança de Paulitos*. In *Diário de Notícias*, edição de 19 de Maio de 1898, Lisboa.

1898 *A Dança Mirandesa*. In *Correio Nacional* de 21 de Maio de 1898, Lisboa.

GALLOPP, Rodney

1934 *The Stick Dancers of Miranda*. Publicado in “The English Folk Dance Society News”,
Abril de 1934, London, England.

MOURINHO, António Maria

1956 *A Dança dos Paulitos*. Revista “Ocidente”, Vol LIII, Lisboa.

1957 *A Dança dos Paulitos*. Separata da *Revista de Portugal*, série A – Língua Portuguesa,
volume XXII, Lisboa.

1984: *Cancioneiro Tradicional e Danças Populares Mirandesas*. Edição da Câmara Municipal
de Miranda do Douro.

1991 *Terra de Miranda – Coisas e Factos da Nossa Vida e da Nossa Alma Mirandesa*. Edição
da Câmara Municipal de Miranda do Douro.

MOURINHO JR., António Rodrigues

2005 *As manifestações culturais nas festas da Terra de Miranda do século XVI aos nossos
dias*, publicado na “Brigantia – Revista de Cultura”, volumes XXIV/XXV, edição da
Assembleia Distrital, Bragança,

PEREIRA, José Manuel Martins

1908 *As Terras de Entre Sabor e Douro*, edição J. L. dos Santos & Cia., Setúbal.

11 - Fontes Escritas

Ao longo do trabalho, foram recolhidos diversos documentos escritos, tais como
“opúsculos”, “cartas”, “postais”, “cartazes”, “pagelas”, “notícias” cuja catalogação se
apresenta no anexo II - documentação anexa.

Nos artigos referentes a notícias da comunicação social, regional, nacional e internacional,
selecionou-se uma pequena amostra de notícias que seja pela sua antiguidade ou mesmo
atuais, reforçam a relação e a importância dos Pauliteiros de Miranda do Douro para toda
esta comunidade, a sua importância identitária e o reconhecimento que esta tradição tem
a nível nacional, com referenciais as primeiras viagens dos Pauliteiros (1898) até a sua
presença na Expo Dubai em 2021.

Neste Anexo foram ainda disponibilizados na plataforma Matriz alguns “cartazes”, e “desenhos”, que serviram a promoção de Portugal internacionalmente, como aqueles que a companhia aérea nacional disponibilizava aos seus viajantes, páginas de publicidade da revista turística “Panorama” ou artigos e referenciais em variados meios de informação.

A listagem das Fontes Escritas pode ser consultada no Anexo - Documentação Anexada

12 - Fontes Orais

Foram realizadas entrevistas aos responsáveis das associações de pauliteiros, aos pauliteiros e aos músicos, tendo todos estes contribuído com o testemunho das suas vivências individuais e coletivas.

Vide Anexo - Documentação Anexada

13 - Fotografias

Foram recolhidos diversos registos fotográficos atuais e antigos, realizados trabalhos fotográficos junto dos grupos de pauliteiros atuando nas suas festividades captando também os ambientes da comunidade nas nove festas referenciadas. Neste item foi ainda anexado imagens antigas referentes à atuação dos pauliteiros nas suas festividades mas também em atuações que ocorreram tanto em Portugal como internacionalmente.

Devido ao elevado número de festas (9) e aos vários momentos das cerimônias que são abordados na descrição das mesmas – danças, peditório, procissão, refeições comunitárias, músicos, trajes, instrumentos musicais – optou-se por uma pequena amostra de cada festa e alguns exemplares dos trajes de São Martinho e Palaçoulo, assim como de alguns músicos, ficando disponível na página criada no You tube para os Pauliteiros de Miranda e Capa de Honras todo um vasto conjunto de imagens e filmes que podem aí ser visualizados.

A listagem das fotos pode ser consultada no anexo - Documentação Anexada

14 - Filme

Para fazer parte deste pedido de inventariação ao inventário nacional do património cultural imaterial, foram realizadas várias filmagens junto de todos os grupos de pauliteiros, das associações e com os responsáveis destas. Para além das filmagens realizadas especificamente para este trabalho foi criado um canal na plataforma “Youtube” onde se apresentam os vários filmes produzidos para este pedido de inventariação como vários outros filmes que nos foram disponibilizados pelo município e pela comunidade assim como algumas produções anteriormente realizadas pelos media.

Em documentação anexa, apresenta-se uma listagem dos vídeos realizados que se considera documentarem apropriadamente a história e a dinâmica atual e o link para a plataforma que permite o acesso à totalidade dos filmes apresentados e que fazem parte do atual pedido de inventariação.

Na plataforma foram apenas selecionados e disponibilizados cinco (5) vídeos de um total de mais de vinte (20) vídeos que fazem parte desta candidatura, estando os restantes vídeos disponíveis no canal “Youtube” criado para o efeito.

Nota: Os filmes anexados na plataforma MATRIZ foram sujeitos a uma baixa resolução de modo a ser possível a sua anexação pelo que a qualidade destes vídeos é sofrível.

A listagem dos vídeos pode ser consultada no anexo - Documentação Anexada

15 - Som

Foram produzidas entrevistas gravadas em áudio que se juntam assim como programas realizados para rádios nacionais.

A listagem dos registos sonoros pode ser consultada no anexo - Documentação Anexada

16 - Outra Documentação

Integra este pedido de inventariação também informação cartográfica que permite situar no plano nacional, o município de Miranda do Douro e as várias freguesias onde atuam os grupos de pauliteiros referenciados.

. **Cartografia**

. **Documentação Gráfica**

. Outra Documentação Escrita

***A listagem dos registos “Outra Documentação” pode ser consultada no anexo –
Documentação Anexada***

III Direitos Associados

17 - Tipo

É da competência das comunidades (associações, grupos de pauliteiros, mordomos e confrades), a definição dos tempos e ocasiões da realização das danças rituais e de todo o cerimonial das festas referidas no quadro das práticas tradicionais vivenciadas e transmitidas pela comunidade.

18 - Detentor

Não existem detentores de direitos de autoria intelectual associadas às festas referenciadas neste inventário, assim como aos grupos de Danças dos Pauliteiros.

Responsável pela Documentação

Coordenador - Hélder Rui Godinho da Silva Ferreira. Licenciado em Sociologia (CV em anexo)

Investigador Principal - Mário Correia. Licenciado em Economia e Etnomusicologia (CV em anexo)

Declaração de compromisso

Anexa-se declarações de compromisso da Exma. Presidente da Câmara Municipal de Miranda do Douro, Dra.ª Helena Barri. I

IV Património Associado

19 - Património Cultural

19.1. MÓVEL

Traje dos pauliteiros. Para além de aspetos relacionados com detalhes específicos que constituem variantes de um mesmo adorno ou ornamento (por exemplo, os enfeites dos chapéus, que podem ser penas de aves, flores artificiais ou palmitos), o traje dos pauliteiros mirandeses apenas difere quanto ao uso de calças (atualmente apenas se regista na aldeia de S. Martinho, na qual os pauliteiros se apresentam de calças, usando no entanto as saias brancas quando se apresentam fora do concelho de Miranda do Douro) ou de saias brancas (como sucede nos restantes grupos de pauliteiros, em Constantim, Palaçoulo, Póvoa e Prado Gatão). António Maria Mourinho, etnógrafo mirandês, descreveu o traje dos pauliteiros nos seguintes termos genéricos (Mourinho, 1984:457):

Entre nós, é dançada só por homens, oito componentes, com seus trajes característicos, constantes, nas nossas festas, de calça (...), colete enfeitado, com lenços e fitas na frente, ou com cordões de ouro cosidos ao pano do colete, banda de seda larga a tiracolo, e chapéu com fita colorida e um colorido penacho de penas de galo na frente. Antigamente usavam três enéguas, ou saias brancas, retiradas das arcas do bragal, ou das dianteiras das camas; debaixo destas, um saiote de baeta para fazer roda; sobre elas ainda quatro lenços de seda; meias de lã brancas, com ramos pretos e botas de bezerro grossas na sua cor natural; na cabeça, chapéu enfeitado com fita multicolor e quatro palmitos de feitura caseira. Vestem ainda camisa branca de linho ou pano-cru curado, com colarinho de cantos redondos e colete enfeitado na frente e nas costas com fitas multicolores. Sobre os ombros um lenço garrido estampado de franja.

Estes trajes são atualmente confeccionados por artesãos de Sendim (Maria Susana Castro e Palmira Falcão).

Instrumentos musicais

O acompanhamento instrumental tradicional das danças de paulitos é constituído pelo som pastoril da gaita-de-foles, ao ritmo temperado do tamboril e ao compasso atordoante do bombo, mas a função podia ser assegurada quer pelo tamborileiro tradicional quer pelo

simples canto na falta de instrumentação disponível, como referiu o Padre António Maria Mourinho (Mourinho, 1957):

Pode ser dançada ao som do canto (cada número tem sua canção, com música e letra própria) ou da gaita de foles, tamboril (caixa de guerra) e bombo, sendo nalgumas aldeias raianas executada ao som da flauta pastoril monotubular de três buracos e tamboril tocado por um só homem.

O mais comum sempre foi o recurso ao acompanhamento instrumental proporcionado pelo trio instrumental tradicional dos genericamente designados “gaiteiros”. Rodney Gallop, que efectuou recolhas de lhaços em Cércio, deu-nos conta (Gallop, 1937) de que as melodias sobre as quais se baila a dança dos paulitos são executados por uma gaita de foles acompanhada de dois tambores. Em boa verdade, tratar-se-ia de um bombo e de um tamboril (em substituição da caixa de guerra).

A parte instrumental assume uma importância fundamental para a marcação do ritmo de entrechoque dos paulitos, não podendo de modo algum ser dissociada da função mnemotécnica das letras (Matellán, 2001:61):

Formalmente, as danças de paulitos consistem numa sucessão de cenas curtas nas quais os bailadores entrechocam os seus paulitos de acordo com os sons emitidos por um instrumento. Estas cenas dão forma a uma espécie de “suite” e chamam-se laços, sendo cada um dançado segundo uma canção que lhe dá o nome. Os seus textos são repetidos várias vezes em cada laço, servindo para que os bailadores melhor recordem os movimentos que devem efectuar. É tão importante atender à parte musical, que marca o ritmo do entrechoque dos paulitos, como à parte textual...

O ritmo é fundamental na dança de paulitos, pois sobre ele “descansa” a melodia que é executada pelo gaiteiro e graças a ele se dança de forma sincronizada, com a ordenação requerida pela coreografia rígida de cada lhaço. Ângelo Arribas, popular gaiteiro e tamborileiro, mas também muito apreciado tocador da caixa de guerra, considera que o ritmo deve ser fundamentalmente assegurado por este instrumento: *A caixa é o ritmo e o bombo é o passo. Quando a caixa se engana, enganam-se também os dançadores.*

O ritmo dos lhaços é, naturalmente, muito rígido porque as características intrínsecas de uma dança que exige a perfeita coordenação entre todos os oito dançadores não o permitiriam de outra maneira, não havendo lugar para improvisos e quejandos.

De uma simples análise rítmica dos lhaços facilmente se depreende que são tocados em compasso binário, com os paus a baterem entre si e/ou a entrechocarem (tal como o bombo) segundo as sílabas acentuadas nas letras (estas não raro foram mesmo adequadas para tal efeito, assumindo por isso sentidos dificilmente compreensíveis). O acompanhamento dos palos corresponde a um obstinado rítmico, apenas variado em cada uma das partes da estrutura melódica. Por obstinado entendemos, neste caso, uma estrutura rítmica de pelo menos um compasso, repetida tantas vezes quanto seja necessário e cujo final coincide com o final de cada estrutura melódica. Assim mesmo, o ritmo que executam os palos corrobora a estrutura da dança, ou seja, como toda a peça musical, nas danças de palos verifica-se, de um modo geral, a divisão em introdução/duas partes/conclusão, sendo os palos e não só a coreografia recolhidas os encarregados de marcar a diferença das mesmas.

O ritmo, é, portanto, muito fixo, porque serve a dança; se assim não fosse, a coordenação de movimentos entre os dançadores não seria possível. Por outro lado, em boa parte assentam na estrutura rítmica muitas das variantes dos laços que se conhecem entre dançadores de diferentes aldeias.

Estas exigências da dança requerem ao gaiteiro uma criteriosa integração dos ornamentos aos quais normalmente recorre para “ilustrar” o seu estilo interpretativo dos laços – de um modo geral picados, batimentos e mordentes (ou trilos) – sem dispor da mesma liberdade da qual dispõe, por exemplo, nos toques de passacalhes e noutros espécimes, inclusive de bailes mais ligeiros e menos coreografados, caso da *Bicha*, por exemplo.

O acompanhamento instrumental das danças de paulitos tem vindo a apresentar-se com uma acentuada tendência para a uniformização, sobretudo determinada pela progressiva redução de lhaços no repertório dos grupos, numa opção clara pela escolha dos que melhor servem o espectáculo de representação e que se tornaram arquétipos da dança. Por conseguinte, na atualidade, torna-se prática corrente cada vez mais alargada a possibilidade de um mesmo gaiteiro conseguir assegurar a função de acompanhamento sem grandes

problemas de adaptação dos dançadores de vários grupos, nomeadamente quando se trata dos mais jovens dançadores ou dançadoras.

O acompanhamento instrumental proporcionado pelo tamborileiro, tocando em simultâneo a flauta pastoril e o tamboril, conheceu grande popularidade sobretudo na área da chamada raia seca, no norte do concelho de Miranda do Douro, sendo hoje meramente residual e esporádico. Trata-se de um tipo de acompanhamento instrumental que requer virtuosas qualidades de execução, sob pena de os dançadores não terem um suporte seguro para as respectivas evoluções. A dificuldade em restaurar esta tradição remete para a fraca expressão que tem, na atualidade, a arte do tamborileiro, confinada a uma escassa meia dúzia de executantes, todavia todos de inegável excelência, como é o caso de Aureliano Ribeiro (entretanto já falecido), Ângelo Arribas, Célio Pires, e Henrique Fernandes, entre poucos mais.

Capa de Honras. Este peça icónica do vestuário tradicional mirandês - que já se encontra registada no inventário nacional do património cultural imaterial - integra os grupos de pauliteiros, acompanhando o estandarte da formação, permanecendo em lugar de destaque durante as respetivas atuações e marcando presença em todos os actos culturais cristãos (missa e procissão).

Património Religioso/Andores:

Os andores associados à advocação da festa são objeto de especial atenção por parte dos zeladores da igreja e das respectivas mordomias, sendo de realçar as tarefas de ornamentação com flores e fitas coloridas. Não raro se regista o apoio derivado de ofertas particulares (sobretudo de flores mas também monetárias) determinadas por promessas realizadas pela devoção popular. Assim, regista-se um envolvimento alargado na construção da festa, com especial destaque para tudo quanto se relacione com o andor protagonista da mesma.

O andor principal - do santo ou santa advogada da festa - constitui o principal foco de atenção por parte da comunidade mobilizando, portanto, zeladores, mordomos e membros de devotos da comunidade. Mas o andor não é dissociado da ornamentação do templo

sagrado, sendo a mesma do mesmo modo assegurada pelo conjunto de pessoas atrás referenciadas. Assim como da limpeza do mesmo, que tradicionalmente é tarefa coletivamente desempenhada nesta altura, com dois ou três dias de antecedência relativamente ao início dos festejos. Quando tal se justifica, as estruturas (charolas) dos próprios andores são reparadas e pintadas, ocasiões havendo em que são mesmo substituídas por novas armações. Também ocorre com algumas mordomias as ofertas de novos mantos ou trajes para os santos ou santas, o que no entanto é muito menos frequente, assim como de objetos de ouro (cruzes, cordões e coroas). Por último, por vezes as mordomias destinam uma parte das verbas arrecadadas para comprar uma ou outra peça do vestuário do pároco celebrante.

Nas procissões costumam sair alguns andores mais, além do chamado andor principal ou “andor da festa” mas o despovoamento destas terras tem provocado falta de gente, mais sentida quando as festas não ocorrem em períodos de gozo de férias, não raro determina a impossibilidade de os mesmos saírem. Tal ocorreu, por exemplo, em 2023, na Festa do Menino Jesus na Póvoa, em que apenas saiu o andor da festa (quando era costume saírem “praticamente todos” os santos da igreja, como nos foi dito).

19.2. IMÓVEL

Associação Cultural e Recreativa dos Pauliteiros de Cércio: dispõe de instalações cedidas pela Junta de Freguesia de Cércio. Dispõem de um amplo salão para realização de várias atividades ao longo do ano. No seu arquivo conservam elementos históricos, como exemplar do chapéu utilizado em 1934 na ida a Londres, com atuação do Royal Albert Hall.

Associação Cultural e Recreativa Pauliteiros de Miranda - Duas Igrejas: O grupo de pauliteiros encontra-se integrado no âmbito das atividades desta associação, que é a mais antiga do concelho de Miranda do Douro (constituída em meados dos anos 40 pelo Padre António Maria Mourinho, altura em que foi nomeado pároco da freguesia).

Associação Recreativa Constantinense: dispõe de instalações próprias com estabelecimento de café, o único estabelecimento do género na aldeia de Constantim, lugar de intensa socialização ao longo de todo o ano, de um salão de festas (sobretudo utilizado para convívios gastronómicos comunitários e eventos festivos) e de uma sala dedicada à Festa de S. João Evangelista, na qual se encontram em exibição permanente os trajes do Carochó e da

Velha, assim como instrumentos musicais (sendo um espaço aberto aos visitantes e onde se realizam colóquios e conferências, apresentações de livros e onde se reúnem os mordomos da festa, eleitos em cada ano).

Caramonico – Associação para o Desenvolvimento Integrado de Palaçoulo: dispõe de instalações próprias, com café e salão de festas, albergando no seu seio o grupo de pauliteiros de Palaçoulo. Realiza numerosas actividades culturais e recreativas durante o ano, aulas de música tradicional e teatro popular. Esta entidade não tem falta de gente para as suas actividades na medida em que a povoação de Palaçoulo fixou uma parte muito expressiva da sua população, trabalhando nas indústrias de cutelaria e tanoaria.

Associação Cultural e Recreativa “Renascer das Tradições”: dispõe de instalações próprias, incluindo um grande salão onde realizam várias actividades ao longo do ano (como a emblemática Fiesta de La Gaita de Fuolhes, pois consideram ser a povoação a Capital da Gaita de Foles). O grupo de pauliteiros faz parte desta entidade associativa. Exploram um bar que se encontra aberto ao longo de todo ano.

Associação dos Amigos de S. Martinho: não dispõem de instalações próprias (ocupam espaço cedido pela Junta de Freguesia de S. Martinho para a guarda de trajes, instrumentos e arquivo do grupo). A maior parte dos seus elementos encontra-se emigrada, regressando religiosamente por ocasião da festa das mais distintas proveniências (Espanha, França e Alemanha).

Associação de Pauliteiros e Danças Mistas de Prado Gatão: o grupo de pauliteiros de Prado Gatão encontra-se integrado nesta associação, que foi criada em 2015. anteriormente, o grupo existia mas sem uma estrutura associativa a enquadrar a sua actividade.

19.3. IMATERIAL

As Danças Rituais realizadas pelos grupos de Pauliteiros referenciadas neste pedido de inventariação, acontecem no âmbito de festas religiosas das aldeias a que pertencem os grupos, conforme está explícito e apresentado de forma exaustiva ao longo deste pedido.

20 – Património Natural

Não se coloca



DANÇAS RITUAIS DOS PAULITEIROS

nas festas tradicionais
de Miranda do Douro

Inventário Nacional
do Património Cultural
Imaterial

FICHA DE INVENTÁRIO

ANEXO II

ÍNDICE ANEXO II

I IDENTIFICAÇÃO DO PROPONENTE	76
II CARACTERIZAÇÃO DO PROPONENTE	77
1. Tipologia de Entidades	77
2 . Inserção Territorial	77
3. Responsáveis	77
4. Caracterização do histórico das atividades desenvolvidas pelo proponente, designadamente em matéria de identificação, estudo e documentação do património imaterial.	77
III FUNDAMENTAÇÃO DO PEDIDO DE INVENTARIAÇÃO	80
1. Caracterização da relevância da manifestação de PCI	80
1.1 – Caracterização da relevância da manifestação património cultural imaterial de acordo com, pelo menos, um dos critérios genéricos de apreciação constantes das alíneas a) a h) do artigo 10º do Decreto – Lei nº 139/2009, de 15 de Junho.	80
1.2.2 - Património Cultural Imóvel	93
1.2.3 - Património Cultural Imaterial	94
1.3 – Caracterização da relevância da manifestação do património cultural imaterial na sua relação com o património natural	95
1.4 – Caracterização da relevância da manifestação do património cultural imaterial na sua relação com estudos científicos ou técnicos, com metodologias de pesquisas, com programas de informação e divulgação ou com programas de sensibilização em curso com vista à salvaguarda da mesma.	95
1.5 – Caracterização da relevância da manifestação do património cultural imaterial na sua relação com a missão, visão, valores e valores estratégicos da entidade requerente ou de outras entidades.	99
1.6 - Caracterização da relevância da manifestação do património cultural imaterial na sua relação com as atividades desenvolvidas em curso ou projetadas, pela entidade requerente ou por outras entidades.	99
1.7 – Caracterização das principais ameaças à continuidade da prática e ou da transmissão da manifestação do PCI.	100
1.8 – Caracterização de ações de salvaguarda e valorização que a manifestação do PCI tenha sido ou seja atualmente objeto, por parte da entidade requerente ou por outras entidades.	100
2. Documentação da Relevância da manifestação de PCI:	102
3. Direitos de propriedade intelectual	102
4. Direito à imagem	103
5. Proteção de dados pessoais	103
6. Declaração de compromisso	103
7. Pedido de inventariação e procedimento	104
8. Recolha e tratamento de informação	104

I IDENTIFICAÇÃO DO PROPONENTE

1 – Designação: Município de Miranda do Douro

2 – NIF: 506 806 898

3 – Contactos.

3.1 – Morada: Largo D. João III, 5210-190 Miranda do Douro

3.2 – Telefone: 273 430 020

3.3 – Endereço eletrónico: geral@cm-mdouro.pt

3.4 – Página na Internet: <https://www.cm-mdouro.pt/pages/>

II CARACTERIZAÇÃO DO PROPONENTE

1. Tipologia de Entidades

1.1 – Organismo da Administração Pública Local (CAE ...)

1.1.2 – Município

2 . Inserção Territorial

2.1 – Concelho: Miranda do Douro

2.2 – Distrito: Bragança

2.3 – NUT II: Norte

2.4 – NUT III – Terras de Trás os Montes

3. Responsáveis

3.1 – Nome: Helena Barril

3.2 – Cargo ou função: Presidente da Câmara Municipal de Miranda do Douro

3.2 – Habilitações académicas: Licenciatura

4. Caracterização do histórico das atividades desenvolvidas pelo proponente, designadamente em matéria de identificação, estudo e documentação do património imaterial.

As festas com danças rituais de pauliteiros em Miranda do Douro sempre foram motivo de atenção por parte dos executivos do município de Miranda em virtude da sua importância identitária para a comunidade, fazendo parte intrínseca da imagem que se tem dos mirandeses. Será pois natural que desde sempre estas festas com a presença de pauliteiros mereçam e tenham merecido por parte de quem decide não só uma atenção especial como

uma relação de proximidade por parte dos vários executivos junto dos grupos responsáveis pelos pauliteiros de modo a salvaguardar as suas pretensões e necessidades.

É sabido que os grupos de danças rituais com paulitos de Miranda do Douro, vulgarmente conhecidos por “Pauliteiros” são não só uma imagem identitária de Miranda do Douro e de Trás os Montes mas também de Portugal, como o prova a sua presença em eventos fora de portas, sendo aquela que está documentado mais antiga, a presença em Lisboa no ano de 1898, para atuarem nas comemorações do IV centenário do Descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia por Vasco da Gama. Em 1906, voltaram a Lisboa para atuarem nas festas de Santo António e em 1934, ocorre a sua primeira saída a nível internacional, a convite da embaixada de Inglaterra em Portugal, sendo a atuação em Londres, a 6 de janeiro de 1934, no “*Royal Albert Hall*”, um dos momentos mais importantes para a internacionalização dos Pauliteiros tendo esta atuação merecido referências na comunicação internacional e com grande destaque em Portugal onde todos os jornais nacionais lhe deram merecido relevo.

Nos anos seguintes, os Pauliteiros continuaram a ser chamados para atuarem nas mais variadas latitudes, podendo ser referido as atuações no Porto (1947); Angola (1948); Madrid (1949); Gijón (1956); Estados Unidos da América (1976); Macau (1983); Irlanda, Canadá, Romênia e Dubai (2021), esta na exposição Mundial. Todas estas viagens só foram possíveis com o apoio do município de Miranda do Douro, o que prova toda a atenção e o esforço que sempre foi dedicado aos grupos de pauliteiros por parte do município.

Juntamente com as deslocações, também noutras variantes como a expositiva, a Câmara de Miranda tem apoiado a presença de representações dos Pauliteiros seja disponibilizando o traje completo e materiais complementares para exposições como a que ocorreu no Museu de Arte Popular por altura da “Exposição do Mundo Português”(Lisboa, 1940), conjunto museológico representando um Pauliteiro, que se mantém até hoje neste museu.

Aos dias de hoje, temos de referir as ações promovidas pela Câmara de apoio e promoção das danças rituais de Pauliteiros:

Localmente:

- Apoio económico e logístico às associações organizadoras das festas tradicionais mirandesas com a presença de grupos de pauliteiros.
- Agendamento da presença dos grupos de Pauliteiros na programação do município com a presença regular destes grupos nos principais eventos municipais (Feiras, Festas, Dias festivos, Festivais Culturais) e na receção a entidades (Presidente da República, Ministros, Embaixadores).
- Apoio a iniciativas das próprias associações de Pauliteiros para a divulgação e promoção das danças dos Pauliteiros.
- Ações com o agrupamento de escolas de Miranda do Douro.
- Colaboração com entidades como o IEFP para a organização de eventos e ações de promoção.
- Aprovação em Assembleia Municipal (PDF em anexo)

Em termos nacionais e internacionais (últimos 5 anos)

- Presença dos grupos de dança de pauliteiros em eventos culturais nacionais e internacionais:
- Lisboa (vários eventos); Porto/Gaia; Pernik na Bulgária no Festival Surva; Exposição Mundial do Dubai; Gijon – Festival Arcu Atlanticu, Irlanda e Roménia.
- Apoio a exposições e edições sobre os Pauliteiros
- Apoio a trabalhos académicos (teses e trabalhos de investigação)

Em termos Institucionais

- Moeda comemorativa (em anexo)
- Estátua em bronze oferecida em recepções oficiais
- Conjunto de selos dos CTT (em anexo)

Para além destas dinâmicas o município apresenta ao longo do ano várias iniciativas que visam os objetivos defendidos neste pedido de inventariação – valorização, reconhecimento, promoção, salvaguarda - preparando uma agenda cultural com várias iniciativas dedicadas às danças dos pauliteiros.

III FUNDAMENTAÇÃO DO PEDIDO DE INVENTARIAÇÃO

1. Caracterização da relevância da manifestação de PCI

Relevância de acordo com os critérios genéricos de apreciação do pedido de inventariação.

1.1 – Caracterização da relevância da manifestação património cultural imaterial de acordo com, pelo menos, um dos critérios genéricos de apreciação constantes das alíneas a) a h) do artigo 10º do Decreto – Lei nº 139/2009, de 15 de Junho.

Critérios de apreciação

A Câmara Municipal e Miranda do Douro, na sua qualidade de entidade responsável pela inscrição das “Festas com Danças Rituais de Pauliteiros” no Inventário Nacional de Património Cultural Imaterial, de acordo com o disposto no artigo 5º do Decreto-Lei nº 139/2009, de 15 de Junho, considera estar completa e inequivocamente fundamentada a importância das danças rituais com pauliteiros, em conformidade com os critérios de apreciação constantes das alíneas a) a h) do artigo 10º do mesmo diploma, a saber:

a) A Importância da manifestação do património cultural imaterial enquanto reflexo da respectiva comunidade ou grupo.

As danças dos pauliteiros ou de paulitos estiveram sujeitas a mudanças, transformações e adaptações ao contexto histórico social ao longo dos tempos. Num país reinventado, multicultural, com grande diversidade, em que se conjuga a história secular e o presente, as danças dos pauliteiros - que se crê ter origens na denominada “dança de espadas”, segundo alguns danças pírricas de origem helénica e que teriam sido os Romanos os responsáveis pela sua introdução na Península Ibérica, - são atualmente uma das principais atrações do nordeste transmontano, em que os Pauliteiros tem uma contribuição fundamental na divulgação desta dança tão particular que faz parte da cultura e tradição das Terras de Miranda.

O carácter comunitário e a identidade local-regional sobrepõem-se no presente à classificação de dança guerreira, ritual ou religiosa, embora os traços da execução das

danças de pauliteiros permaneça ainda no passado por manter os elementos rituais, religiosos e guerreiros: rituais, porque está relacionada com ritos de fertilidade e de passagem, e no período do paganismo foi dançada em honra de vários Deuses (Cravo 2000: 5, 6); religiosos, porque ao longo do tempo foi dedicada a Santos do cristianismo; guerreiros por causa da sua semelhança com a dança de espadas, à mourisca e à *pyrrhica* e por causa de figuras como, por exemplo, o Salto ao Castelo. Todavia, a presença destes traços nesta manifestação cultural assumem hoje características essencialmente sociais enquadradas em outro perfil sociodemográfico decorrente dos processos histórico-sociais evolutivos das comunidades. Esta região tal como grande parte do interior de Portugal sofreu os efeitos do êxodo rural e do conseqüente envelhecimento das populações a que acresce as alterações nos setores de atividade, na composição social das comunidades e nas suas práticas culturais.

A dança dos paulitos é hoje uma manifestação que reconhecida como bem cultural no interior das comunidades, se tornou referência distintiva desta região através da sua projeção na comunicação social e da forte atratividade pública que exerce pela espetacularidade da performance que os Pauliteiros executam. A sua projeção internacional através das suas apresentações quer isoladas quer em festivais ou mesmo nas feiras internacionais – exemplo disto é a ida do grupo dos Pauliteiros de Palaçoulo à Expo 2020 no Dubai em que Portugal participou com o lema “Portugal - um mundo num país” – têm contribuído para a internacionalização e o seu reconhecimento como expressão identitária não só em termos regionais mas também nacionais.

Para além de representativa da região é também elemento identitário por parte dos locais e dos seus descendentes através das várias formas de participação na vida destes grupos, nas suas dinâmicas ao longo do ano, seja na preparação de exposições ou na preparação das festas onde são parte integrante. Ao Pauliteiros e as suas danças estimulam, no âmbito de comunidades composta maioritariamente por residentes idosos e descendentes migrados para os grandes centros urbanos do país ou emigrados noutros países, o reencontro entre as famílias e entre os membros dos grupos, fortalecendo as suas relações familiares e sociais e juntando gerações que é o garante da transmissão contínua do bem patrimonial, ao mesmo tempo que irá gerar sentimentos de pertença de grupo social, local, regional e nacional.

Como usual neste tipo de manifestações culturais a sua transmissão tem por base a oralidade e a passagem geracional.

No contexto da prática performativa, os participantes tem em cada exibição, uma oportunidade de expressão individual na participação de um contexto coletivo, perante o grupo e a comunidade, por outro lado é um referencial histórico e social da comunidade e um importante recurso simbólico na herança cultural reconhecida como pertença, nas aldeias e em outras geografias de residência.

b) Os contextos sociais e culturais da sua produção, reprodução e formas de acesso designadamente quanto à respetiva representatividade histórica e espacial.

A função das danças dos Pauliteiros, nas aldeias do planalto mirandês em particular: **Palaçoulo, Constantim, São Martinho de Angueira, Cércio, Póvoa, Prado Gatão e no local de Quinta da Caldeira/Duas igrejas**, às quais pertencem os grupos de pauliteiros alvo desta candidatura realiza-se na sua participação como elementos integrantes da festa religiosa em louvor **de Santa Bárbara em Palaçoulo e Cércio, São João Evangelista em Constantim, Nossa Senhora do Rosário em São Martinho da Angueira e Póvoa, São Brás em Cércio, Festa do Menino Jesus também na Póvoa, Santa Bárbara em Prado Gatão e Santo Isidro Lavrador no lugar da Quinta da Caldeira/Duas Igrejas** – Refira-se o facto de em Cércio e na Póvoa, acontecem duas festas por ano.

Nestas festas, os Pauliteiros participam na procissão e nas danças finais do sagrado e na maior parte das festas – ver mapa em anexo – participam no peditório.

No entanto, temos que referir que na atualidade os grupos de paulitos apresentam-se nas mais diversas funções e contextos ao longo de todo o ano, o que não acontecia até meados do século passado em que a produção de danças de paulitos estavam confinadas às festas em honra de entidades religiosas – Santa Bárbara, Nossa Senhora do Rosário e Corpo de Deus.

Estas participações nas danças são asseguradas pela comunidade de residentes e pelos que pontualmente regressam para participar na produção e realização das festas.

As aldeias de região de Miranda do Douro caracterizadas pela migração da população jovem e em idade ativa e pelo envelhecimento dos residentes tem ganho visibilidade pelas características naturais que incrementam o turismo de natureza, mas também pelo alavancar das manifestações culturais endógenas em que os Pauliteiros têm um papel de destaque, pela significativa projeção mediática das suas performances e pelas deslocações em outras regiões de Portugal ou no estrangeiro. Contribuindo assim para minorar os efeitos negativos ditados pelo isolamento do interior rural português. A popularidade crescente dos Pauliteiros ao longo das últimas décadas, atrai públicos de variados quadrantes sociais, culturais e geográficos, o que motivado o aumento da participação dos membros da comunidade, que residam na aldeia ou fora dela, criando interações económicas e culturais e enriquecendo as estruturas organizativas destes grupos, estimulando a participação na vida das comunidades e o empenho do poder local e municipal no apoio à realização das festas e aos grupos de Pauliteiros, nomeadamente nas suas atuações fora da região. Estes grupos de pauliteiros são ainda promotores de sinergias entre o tecido social local e as comunidades de emigrantes, assim como entre associações nacionais e transfronteiriças.

A dança do Pauliteiros é hoje uma manifestação cultural é um bem cultural patrimonial reconhecido e importante no contexto social, cultural, económico e identitário destas aldeias de Miranda do Douro, da região e nacional, mantendo traços históricos mas sendo um elemento diferenciador da sua identidade cultural territorial na contemporaneidade.

c) A efetiva produção e reprodução da manifestação do património cultural imaterial no âmbito da comunidade ou grupo a que se reporta.

As festas com a participação ativa destes grupos de Pauliteiros realizam-se ao longo de todo o ano, havendo festas no início do ano, Santa Bárbara/Cércio em Fevereiro até as festas do Menino em Constantim, que ocorrem em dezembro, constituindo-se estas festas as celebrações mais importantes do ano para as comunidades, reunindo as famílias e as comunidades mais do que em qualquer outra manifestação.

Durante os dias de festa, dos quais vamos falar de seguida, as performances dos pauliteiros produzem-se e reproduzem-se tendo como palco principal as ruas das aldeias e as igrejas

dedicadas ao santo em louvor. É tempo de voltar à terra, de trazer amigos, da vinda de crentes e curiosos, de visitas às casas uns dos outros, de refeições comensais com as iguarias da festa, de criação ou estreitamento de laços, de partilha e de passagem da herança cultural da comunidade. Como protagonistas, os Pauliteiros, promovem em seu entorno, as dinâmicas festivas por parte da comunidade. Os abraços ou os cumprimentos entre os dançadores no fim da atuação, são alguns dos muitos aspectos reveladores desta socialização que promove o estreitamento de laços.

Para além de momentos de celebração comunitária e de reencontro de famílias e amigos, a festa e as danças dos paulitos é também um momento de afirmação identitária para todos os locais e para aqueles que vieram de longe, alguns dos quais são movidos pela magia dos momentos vividos por estas terras e pela curiosidade de ver no seu ambiente natural uma dança cheia de espetacularidade que aparenta tanto de difícil como perigosa. Para os mais jovens, maioritariamente nascidos fora, a festa e a possibilidade de participar nestas danças confere-lhes o sentimento de pertença a algo diferenciador, constituindo um reforço de laços, uma prática integradora e uma forma de expressão singular. Factos atestados pela repercussão nas redes sociais, nos dias próximos à festa, com as publicações e interações entre participantes, locais, emigrados e curiosos a atingir uma vasta cobertura.

Transcrevemos seguidamente alguns parágrafos da descrição das festas retirados da “caracterização desenvolvida” em que está bem vincada a representação da festa no âmbito da comunidade a que se reporta.

Em **Palaçoulo** no terceiro domingo de Setembro, a tradição “manda” que no final da Eucaristia, o grupo de pauliteiros dance em frente à Igreja, agradecendo a Santa Bárbara a sua proteção.

Em **Constantim**, a festa em honra de São João Evangelista, que tem como principal atração o peditório à volta da aldeia, acompanhado pelos Pauliteiros e pelas principais "figuras": o *Carocho e a Velha*. Visitam todas as casas habitadas para recolher donativos e é habitual à porta de cada morador dançar um "Ihaço". Nas casas onde houve uma morte durante esse ano a dança dará lugar a um Pai Nosso pela alma do defunto. Na igreja onde se celebra a missa, os Pauliteiros dançam o *Ato de Contrição* ao som da flauta pastoril e do tamboril, com a gaita-de-foles a fazer-se ouvir aquando o levantar da Hóstia. E depois da procissão, os

Pauliteiros dançam no sagrado (adro da igreja), com o Carochinho e a Velha presentes. Nesta Manifestação cultural temos o interlaçar de um ritual de louvor religioso com um ritual pagão com a presença de figuras mascaradas.

Em **São Martinho da Angueira** os dançadores das calças pretas – ao contrário dos outros grupos de pauliteiros que vestem saias - dançam na Festa da Nossa Senhora do Rosário no último domingo de Agosto. Esta festa é também conhecida como a Festa dos Pauliteiros, durante esses dias é possível ver as atuações dos Pauliteiros, uma vez que percorrem, entre as cinco e às quinze horas, todas as casas da freguesia para recolher donativos e como agradecimento pelo donativo dançar um "Ihaço".

Em Cércio, nas Festa de S. Brás e Festa de Santa Bárbara

Festa de São Brás:

“A ronda de peditório ocorre depois de uma longa noite com pauliteiros e mordomos em convívio tradicional de comes e bebes.”

“A fogueira, no largo da aldeia e da associação, está pronta: será acendida lá mais para o meio da tarde e assistirá à queima a gente da aldeia.”

“Nalgumas casas, o convite para entrar e comer e beber envolve toda a comitiva oficial - tocadores, pauliteiros e mordomos -, mas por vezes o convite feito pelos donos da casa é extensivo aos acompanhantes.”

Festa de Santa Bárbara:

“Durante a tarde, no largo principal da povoação, realiza-se um convívio que envolve toda a comunidade presente neste dia de festa e de convivência comunitária”

Em Prado Gatão na Festa de Santa Bárbara

“Danças rituais no sagrado: ocorrem no sagrado (adro) depois de a procissão recolher ao interior do templo e são um dos momentos mais participados da festa, sempre aproveitado

para apresentar à comunidade os novos pauliteiros, graças aos quais se vai garantindo a continuidade da tradição.”

Na Póvoa na Festa de Nossa Senhora do Rosário e Festa de do Menino Jesus

Festa de Nossa Senhora do Rosário:

“A festa em honra e louvor de Nossa Senhora do Rosário continua a fazer-se na aldeia da Póvoa segundo/seguindo os moldes tradicionais, a que não falta a “festa do arroz doce” (dois dias antes do dia grande) e que constitui o primeiro momento de reunião comunitária integrada nas celebrações.”

“Depois, no espaço do adro adjacente - o sagrado - assiste-se à atuação dos Pauliteiros da Póvoa, executando as danças mais conhecidas e populares na terra e aproveitando para apresentar os novos dançadores, tarefa nem sempre fácil de concretizar na medida em que o despovoamento destas terras torna o número de jovens disponíveis para tal um “bem” cada vez mais escasso.”

“Este é um dos momentos altos da festa, sendo participado por toda a gente presente na aldeia, que deste modo acarinha e reconhece os seus pauliteiros. Um momento de intensa partilha comunitária de um património cultural imaterial que é símbolo identitário de uma e terra que se assume como sendo, na Terra de Miranda, a “capital da gaita de foles”.

Festa do Menino Jesus

“... procissão (na qual é costume saírem todos os andores, com as respectivas mordomias e na qual os pauliteiros se incorporam, executando os gaiteiros toques alternados com orações) e danças no sagrado, que terminam sempre com o espetacular “Salto ao Castelo”.

Na Quinta do Cordeiro, Festa de Santo Isidro Lavrador

“Depois da missa festiva, normalmente realizada ao ar livre da a exiguidade da capela - onde existe um altar para tal efeito construído com pedra e cimento - realiza-se a procissão com o andor de Santo Isidro Lavrador a ser acompanhado pelos pauliteiros.

“Uma vez realizada a procissão, os dançadores do Grupo de Pauliteiros de Duas Igrejas efetuam a suas danças rituais no sagrado, em frente do altar de fora, com todos os festeiros a assistirem vindos de Duas Igrejas.”

d) A efetiva transmissão intergeracional da manifestação do património cultural imaterial e dos modos em que se processa

As danças dos Pauliteiros são danças masculinas, inseridas em louvores a santos locais, em festas que coincidem com momentos altos do calendário rural e constituindo-se como uma das expressões performativas e etnomusicais mais identificadoras das terras e gentes de Miranda, tendo adquirido características muito próprias nas coreografias, nas músicas, nos trajes e contextos performativos. Com origens que permanecem objeto de estudo, num processo de investigação e reflexão que se iniciou apenas no século passado, a sua antiguidade é reconhecida, fazendo prova disso os vários documentos dos Séc. XVIII, XIX e XX.

A par da realização da prática em grupo e pública destas danças inseridas no contexto coletivo de uma festa devocional, é no contexto familiar e vicinal que se processa a efetiva transmissão intergeracional da dança e dos conhecimentos e saberes associados a ela, desde os treinos performativos dos pauliteiros à confeção dos trajes e ao fabrico dos paus e dos instrumentos musicais que acompanham a dança, sendo usual o fabrico caseiro destes instrumentos com a passagem do “saber fazer” de pai para filho, assim como o significado e a função das danças. A aprendizagem e a participação nas festas e nas danças são iniciadas na infância com assistência dos preparativos e da realização da festa, com os treinos das danças do pai ou do irmão mais velho, com as músicas ensaiadas pelo avô ou até pelo vizinho. A partir da idade escolar vão começando a brincar com os paus com os instrumentos musicais e a amiúde integram um grupo de crianças (Pauliteiricos) que irão aprender as lides dos paus e os passes de dança ou aprender a tocar algum dos

instrumentos que acompanham as danças. Apesar de os grupos de pauliteiros serem formados só por homens e quase sempre solteiros, no contexto atual da dissolução da diferença de género, e beneficiando dos mesmos recursos de transmissão e prática, começam a aparecer grupos femininos de pauliteiras (Pauliteiras de Bemposta; Pauliteiras e Valecerto; Pauliteiras de Miranda do Douro; Pauliteiras de Malhadas; Pauliteiras de Sendim).

É no seio familiar ou comunitário que se aprendem os passes de dança, as músicas e se fabricam instrumentos musicais, se confeccionam as saias ou os coletes de burel ou ainda se cozem as flores ao chapéu, embora a constituição de associações e grupos organizados de pauliteiros tenham um papel promocional da transmissão e da identificação com a prática, funcionam como polo ativo da comunidade onde são promovidos relações de contacto e proximidade e ainda conseguem uma cultura organizacional para que possam deslocar-se para outros locais onde exibem as suas danças de paulitos. A ação continuada da participação nestes grupos e na comunidade, na manutenção de instrumentos musicais e trajes e na preparação e ensaios das atuações é também fundamental para a transmissão intergeracional contínua da prática.

Com a diáspora, muitos outros grupos de pauliteiros e adeptos destas danças se foram formando, e hoje é comum ouvir falar dos Pauliteiros de Lisboa, Porto ou Campinas ou de Bordéus, sendo estas associações ou grupos transmissores de uma cultura que os remete para “casa” e que fazem questão que se mantenha.

O conhecimento e a sua transmissão das redes sociais e das tecnologias de informação potenciam a visibilidade desta performance, momentos das festas ou momentos de atuação dos Pauliteiros são visualizados e partilhados e inseridos na globalidade da transmissão da cultura, diluindo distâncias entre atores e espectadores ausentes.

e) As circunstâncias suscetíveis de constituir perigo ou eventual extinção, parcial ou total, da manifestação do património cultural imaterial;

Não parece existir, de momento, ameaças à continuidade e ou transmissão da prática da dança do paulitos, ou eventual extinção total ou parcial, da manifestação do património cultural imaterial, como podemos perceber pelas descrições acima. É no entanto missão do proponente deste pedido de Inventariação, a Câmara Municipal de Miranda do Douro, promover e assegurar a sua continuidade num contexto de equilíbrio e sustentabilidade entre a prática da performance, a sua promoção como bem cultural e turístico e a preservação das condições atuais da produção das festas religiosas onde as danças estão inseridas. Assim como envolver no processo participativo da promoção e realização das festas e das atuações dos Pauliteiros, o maior número possível de agentes locais e regionais, associativos e demais parcerias.

f) - As medidas de salvaguarda em relação à continuidade da manifestação do património cultural imaterial

A Câmara Municipal de Miranda do Douro tem ao longo do tempo na prossecução de um dos seus objetivos e missão criado e realizado um conjunto de medidas que têm contribuído para a salvaguarda e valorização do património cultural imaterial, nomeadamente as danças de paulitos, as quais estão declaradas como bem de interesse municipal,

O apoio logístico e financeiro aos grupos de Pauliteiros e às comissões de festas e associações onde se inserem os Pauliteiros, o apoio à recolha documental, à produção de publicações e as ações de foro pedagógico com as escolas da região, tem permitido a continuidade da manifestação e sua divulgação e a criação de acervo documental escrito e de imagem que possa perpetuar esta dança. Para além dos apoios a autarquia tem também acompanhado os grupos de Pauliteiros quando estes se deslocam para fora da região, numa demonstração do apoio e da importância que os grupos representam na identidade da região. As expressões de cultura popular exuberantes e diferenciadoras como as danças dos Pauliteiros, ainda mais como parte integrante de uma festa do povo, têm vindo adquirir nos últimos tempos formatos de bem comercial, tendo consciência desta nova realidade o Município de Miranda do Douro, tem vindo a acautelar estas situações para evitar a

desvirtualização das danças, com ações de salvaguarda e iniciativas, ressalvando as medidas que foram aprovadas em Assembleia Municipal: (documento em anexo)

- a) Continuar o aprofundamento do estudo das Festas com Pauliteiros nas perspectivas histórica, sociológica, antropológica e turística.
- b) Criar na Biblioteca / Mediateca Municipal de Miranda do Douro uma secção de documentação e arquivo sobre as festas com Pauliteiros.
- c) Estabelecer e melhorar a cooperação com outros municípios com manifestações similares
- d) Promover e/ou apoiar a realização de registo de imagens, filmes e documentários, sobre todos os processos associados aos Pauliteiros.
- e) Realizar um trabalho contínuo de levantamento, recolha e preservação de material audiovisual feito por amadores.
- f) Promover uma exposição temporária sobre os Pauliteiros que inclui bibliografia, iconografia (filmes, fotos e cartazes) e objetos associados às Festas com Pauliteiros.
- g) estabelecer um conjunto de atividades a desenvolver em contexto escolar pelo Agrupamento Vertical de Escolas de Miranda do Douro, com o objetivo de valorizar e promover a familiarização das crianças com esta manifestação do património cultural imaterial.
- h) Produzir um filme dedicado às Festas com Pauliteiros, que possa servir de promoção e divulgação dos Pauliteiros em exposições, festivais, conferências e outros momentos que se julgue oportuno.

g) O respeito pelos direitos, liberdades e garantias e a compatibilidade com o direito internacional em matéria de defesa do direito internacional em matéria de defesa dos direitos humanos

As danças dos Pauliteiros inseridas nas Festas em louvor de Nossa Senhora do Rosário (São Martinho da Angueira, Palaçoulo e Povoia), Santa Bárbara (Cércio e Prado Gatão), São João Evangelista (Constantim), São Brás (Cércio), Menino Jesus (Póvoa) e Santo Isidro Lavrador (Duas Igrejas/Quinta do Cordeiro), são manifestações culturais que nos apresentam uma dicotomia de significados: afirmar ou reafirmar o modo pelo qual uma ordem social ou comunidade se encontra organizada, pelo que, pela sua natureza não coloca em causa o respeito pelos direitos, liberdades e garantias e a compatibilidade com o direito internacional em matéria de defesa dos direitos humanos.

h) A articulação com as exigências de desenvolvimento sustentável e de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos

Todo o trabalho de promoção das festas em louvor de Nossa Senhora do Rosário (São Martinho da Angueira, Palaçoulo e Povia), Santa Bárbara (Cércio e Prado Gatão), São João Evangelista (Constantim), São Brás (Cércio), Menino Jesus (Póvoa) e Santo Isidro Lavrador (Duas Igrejas/Quinta do Cordeiro), em que as danças dos Pauliteiros são parte integrante, é encetado pelas comissões organizadoras locais, com os mordomos das festas a tomarem a seu cargo todo o trabalho organizacional e de gestão, e pelos membros da comunidade residentes e descendentes de forma mais informal. As festas populares, quer laicas ou de características de cerimónia religiosa, como as que se apresentam, aproxima os indivíduos, colocam em movimento a comunidade, renovando-a em cada manifestação, em que as a música, os cânticos e as danças elevam o nível vital da comunidade. Com a valorização deste património festivo, as comunidades onde se inserem são também valorizadas, potenciando o seu envolvimento e o seu desenvolvimento económico-social. Como resultado, as festas mantém atualmente grande vigor e popularidade em toda a região, atraindo um grande número de visitantes e envolve na sua organização e participação um grande número de moradores e seus descendentes, sendo os Pauliteiros com as suas performances, incremento deste vigor e popularidade e das dinâmicas sociais e económicas não só para as localidades mas também para o município e mais alargadamente para toda a região.

O reconhecimento desta importância, através das manifestações, enquanto modelos de potencial valorização do património cultural, tem despoletado nas localidades, várias dinâmicas sociais e económicas, associadas às outras características da região, como por exemplo, a divulgação do seu património gastronómico ou o desenvolvimento de investimentos no setor do turismo rural, que numa coerência com o ambiente envolvente, se estabelecem como projetos que respeitam a paisagem natural e a arquitetura tradicional do casario transmontano. Potencia-se também a venda de produtos característicos da gastronomia regional, quer durante as festas como todo o ano nas lojas e restaurantes da região. A produção artesanal de elementos associados aos Pauliteiros e às festas, sobretudo os “paus”, os trajes – em que alguns acessórios, como o colete em burel apresenta apontamentos de trabalho artístico na sua execução -, e os instrumentos musicais.

Com estas dinâmicas e por elas, aparece a valorização ou revalorização de vários elementos tradicionais da cultura mirandesa de cariz rural, em que a sustentabilidade e a qualidade de vida dos meios rurais no contexto atual de despovoamento e envelhecimento das populações destas aldeias e o crescimento da dependência económica das áreas urbanas tem que ter em conta as formas como se concebe e se pensa o seu desenvolvimento, de acordo e em respeito pelo seu ambiente natural e sociocultural, por parte dos locais e dos seus órgãos de inserindo-se a manifestação de património cultural imaterial num debate mais alargado sobre gestão (associações, freguesias, municípios).

Assim sendo, podemos dizer que a vitalidade e o reconhecimento quer regional, nacional ou transfronteiriço, desta manifestação tem tido um papel ativo e preponderante de abertura ao diálogo sobre a preservação do património cultural imaterial transmontano, particularmente de outros rituais festivos, do saber fazer nas técnicas de trabalho do burel, do linho, da tanoaria ou da cutelaria, que ocorrem em várias localidades do concelho, inspirando iniciativas de revitalização e continuidade, e ainda a participação e realização de encontros e diálogos entre os diferentes grupos.

Pelo seu historial e atual atratividade para as comunidades e para o exterior, as danças dos Pauliteiros são uma representação única da cultura tradicional da região, renovada e enriquecida com elementos contemporâneos, que assim permitem à comunidade continuar a sua prática, transmitir os aspectos elementares da tradição cultural corresponder às expectativas socioculturais e socioeconómicas da sociedade atual, numa lógica de sustentabilidade da manifestação do património cultural imaterial.

1.2 - Relação com demais manifestações de património cultural

1.2.1 - Património Cultural Móvel

Traje dos pauliteiros. Para além de aspetos relacionados com detalhes específicos que constituem variantes de um mesmo adorno ou ornamento (por exemplo, os enfeites dos chapéus, que podem ser penas de aves, flores artificiais ou palmitos), o traje dos pauliteiros mirandeses apenas difere quanto ao uso de calças (atualmente apenas se regista na aldeia de S. Martinho, na qual os pauliteiros se apresentam de calças, usando no entanto as saias brancas quando se apresentam fora do concelho de Miranda do Douro)) ou de saias brancas (como sucede nos restantes grupos de pauliteiros, em Constantim, Palaçoulo, Póvoa e Prado Gatão)). António Maria Mourinho, etnógrafo mirandês, descreveu o traje dos pauliteiros nos seguintes termos genéricos (Mourinho, 1984:457):

Entre nós, é dançada só por homens, oito componentes, com seus trajos característicos, constantes, nas nossas festas, de calça (...), colete enfeitado, com lenços e fitas na frente, ou com cordões de ouro cosidos ao pano do colete, banda de seda larga a tiracolo, e chapéu com fita colorida e um colorido penacho de penas de galo na frente. Antigamente usavam três enéguas, ou saias brancas, retiradas das arcas do bragal, ou das dianteiras das camas; debaixo destas, um saio de baeta para fazer roda; sobre elas ainda quatro lenços de seda; meias de lã brancas, com ramos pretos e botas de bezerro grossas na sua cor natural; na cabeça, chapéu enfeitado com fita multicolor e quatro palmitos de feitura caseira. Vestem ainda camisa branca de linho ou pano-cru curado, com colarinho de cantos redondos e colete enfeitado na frente e nas costas com fitas multicolores. Sobre os ombros um lenço garrido estampado de franja.

Estes trajes são atualmente confeccionados por artesãs de Sendim (Maria Susana Castro e Palmira Falcão).

Instrumentos musicais. O trio instrumental tradicional que acompanha os grupos de pauliteiros é constituído por tocadores de gaita de foles, caixa e bombo. As gaitas de foles usadas pelos gaiteiros mirandeses foram construídas, maioritariamente, por Célio Pires (artesão com oficina em Constantim, Miranda do Douro) e Ângelo Arribas (com oficina em Freixiosa, Miranda do Douro). Existem também gaitas de outras proveniências mas de

tipologia mirandesa (Jorge Lira, com oficina na Senhora da Hora, Porto). Os instrumentos de percussão foram já produzidos pela Associação Mirandum (com oficina em Duas Igrejas, Miranda do Douro), que encerrou as suas atividades, sendo atualmente os bombos e também as caixas adquiridos sobretudo na zona do Minho e Douro Litoral.

Capa de Honras. Este peça icónica do vestuário tradicional mirandês - que já se encontra registada no inventário nacional do património cultural imaterial - integra os grupos de pauliteiros, acompanhando o estandarte da formação, permanecendo em lugar de destaque durante as respetivas atuações e marcando presença em todos os actos culturais cristãos (missa e procissão).

Património Religioso. Constituído pelos andores dos santos e santas patronas – S. Brás (Cércio), S. João Evangelista (Constantim), Santa Bárbara (Cércio e Palaçoulo), Nossa Senhora do Rosário (Palaçoulo e Póvoa) – que se encontram depositadas nas respectivas igrejas matrizes, sendo propriedade da diocese de Bragança-Miranda. Todas as imagens da estatuária religiosa existentes nas respectivas igrejas matrizes têm os seus mordomos-zeladores, anualmente nomeados pelas mordomias cessantes e ratificados pelos respectivos párocos.

1.2.2 - Património Cultural Imóvel

Associação Cultural e Recreativa dos Pauliteiros de Cércio: dispõe de instalações cedidas pela Junta de Freguesia de Cércio. Dispõem de um amplo salão para realização de várias atividades ao longo do ano. No seu arquivo conservam elementos históricos, como exemplar do chapéu utilizado em 1934 na ida a Londres, com atuação do Royal Albert Hall.

Associação Cultural e Recreativa Pauliteiros de Miranda - Duas Igrejas: o grupo de pauliteiros encontra-se integrado no âmbito das atividades desta associação, que é a mais antiga do concelho de Miranda do Douro (constituída em meados dos anos 40 pelo Padre António Maria Mourinho, altura em que foi nomeado pároco da freguesia).

Associação Recreativa Constantinense: dispõe de instalações próprias com estabelecimento de café, o único estabelecimento do género na aldeia de Constantim, lugar de intensa

socialização ao longo de todo o ano, de um salão de festas (sobretudo utilizado para convívios gastronómicos comunitários e eventos festivos) e de uma sala dedicada à Festa de S. João Evangelista, na qual se encontram em exibição permanente os trajes do Carochó e da Velha, assim como instrumentos musicais (sendo um espaço aberto aos visitantes e onde se realizam colóquios e conferências, apresentações de livros e onde se reúnem os mordomos da festa, eleitos em cada ano).

Caramónico – Associação para o Desenvolvimento Integrado de Palaçoulo: dispõe de instalações próprias, com café e salão de festas, albergando no seu seio o grupo de pauliteiros de Palaçoulo. Realiza numerosas atividades culturais e recreativas durante o ano, aulas de música tradicional e teatro popular. Esta entidade não tem falta de gente para as suas atividades na medida em que a povoação de Palaçoulo fixou uma parte muito expressiva da sua população, trabalhando nas indústrias de cutelaria e tanoaria.

Associação Cultural e Recreativa “Renascer das Tradições”: dispõe de instalações próprias, incluindo um grande salão onde realizam várias atividades ao longo do ano (como a emblemática Fiesta de La Gaita de Fuolhes, pois consideram ser a povoação a Capital da Gaita de Foles). O grupo de pauliteiros faz parte desta entidade associativa. Exploram um bar que se encontra aberto ao longo de todo ano.

Associação dos Amigos de S. Martinho: não dispõem de instalações próprias (ocupam espaço cedido pela Junta de Freguesia de S. Martinho para a guarda de trajes, instrumentos e arquivo do grupo). A maior parte dos seus elementos encontra-se emigrada, regressando religiosamente por ocasião da festa das mais distintas proveniências (Espanha, França e Alemanha).

1.2.3 - Patrimônio Cultural Imaterial

As “Danças Rituais dos Pauliteiros nas Festas Tradicionais em Miranda do Douro”, a que este pedido ao inventário nacional do PCI se refere, processam-se todas as nove festas como fazendo parte de festas tradicionais religiosas, como está explícito ao longo de todo o processo de inventariação.

1.3 – Caracterização da relevância da manifestação do património cultural imaterial na sua relação com o património natural

Não se considera existir relação da dança dos pauliteiros com o património natural propriamente dito.

1.4 – Caracterização da relevância da manifestação do património cultural imaterial na sua relação com estudos científicos ou técnicos, com metodologias de pesquisas, com programas de informação e divulgação ou com programas de sensibilização em curso com vista à salvaguarda da mesma.

O estudo das danças de pauliteiros remonta a meados do século XIX, tendo merecido a atenção de personalidades como João Pessanha e Ferreira Deusdado, José Leite de Vasconcelos e José Manuel Martins Pereira. Em pleno século XIX destacaram-se os trabalhos de Miranda Lopes, Abade de Baçal, Luís Chaves, Artur Carlos Alves e António Maria Mourinho, assim como os contributos de muitos etnógrafos, entre os quais destacamos Armando Leça, Michel Giacometti e Ernesto Veiga de Oliveira. No entanto, seria já no século XX que as danças de pauliteiros começaram a ser estudadas em âmbitos académicos, muito por força das dinâmicas culturais incrementadas e consolidadas pela autarquia mirandesa.

A Câmara Municipal de Miranda do Douro concretizou sempre ao longo dos tempos uma estratégia de apoio a todos os estudos sobre o património cultural imaterial e, no caso dos pauliteiros, desde logo assegurando a reedição dos seminais cancioneiros (vol. I e II) de António Maria Mourinho, *Cancioneiro Tradicional e Danças Populares Mirandesas* (1ª edição 1994), nos quais foram pela primeira inventariados os “laços” da dança de paulitos. Enumeramos de seguida estudos que contaram com o apoio, sobretudo de natureza logística mas também de aquisição de exemplares e divulgação junto dos grupos de pauliteiros e respetivas associações culturais, assim como disponibilização na biblioteca municipal:

- .Barbara Alge, *Continuidade e Mudança na Tradição dos Pauliteiros de Miranda (Trás-os-Montes - Portugal)*, tese de mestrado apresentada em Junho de 2004 na

Universidade de Viena de Áustria. Nota: Abordagem muito completa e extensiva a todo o universo dos pauliteiros em terras de Miranda do Douro, com destaque especial para os de S. Martinho e sua participação ritual na Festa de Nossa Senhora do Rosário.

- .Carlos Henrique Jantarada Fernandes, *A Gaita de foles das Terras de Miranda: O seu renascimento...*, 2004. Memória final da Variante de Educação Musical, Escola Superior de Educação Jean Piaget Nordeste, Macedo de Cavaleiros. Nota: A abordagem ao instrumento tradicional mais popular da Terra de Miranda inclui, necessariamente, o respectivo enquadramento com os pauliteiros e sua participação ritual nas festas tradicionais.
- .Carla Maria Passinhas Santos, *A Gaita de Foles em Miranda do Douro e na Área Metropolitana de Lisboa (1999-2004). Uma perspectiva etnomusicológica*, 2005. Dissertação apresentada à Universidade Nova de Lisboa/Departamento de Ciências Musicais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas para obtenção do grau de Mestre em Ciências Musicais (Etnomusicologia). Nota: A abordagem ao instrumento tradicional mais popular da Terra de Miranda inclui, necessariamente, o respectivo enquadramento com os pauliteiros e sua participação ritual nas festas tradicionais.
- .Alexandra Silva, *Pauliteiros e Festa da Velha e do Carrocho*, 2006, trabalho elaborado pela autora no Curso de Professores de Educação Musical do Ensino Básico, disciplina de Etnomusicologia, Instituto Politécnico de Coimbra/Escola Superior de Educação de Coimbra. Nota: Destaque para a abordagem à Festa de São João Evangelista (Constantim).
- .António André Pinelo Tiza, *Mascaradas e Pauliteiros em Terras de Zamora e Bragança*, 2010. *O conhecimento mútuo das tradições etnográficas na educação espanhola e portuguesa*. Tese de doutoramento, Departamento de Didáctica de las Ciencias A Sociales y Experimentales, Facultad de Educación y Trabajo Social, Universidad de Valladolid. Nota: Uma abordagem de carácter generalizado com especial incidência, no caso português, na Festa de São João Evangelista (Constantim).
- .Luís Miguel Pires Meirinhos, *A evolução da Terra de Miranda: Um estudo com base nos Sistemas de Informação Geográfica*, 2014. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em Sistemas de Informação

Geográfica e Ordenamento do território. Nota: Insere capítulos sobre a origem e repartição dos grupos de pauliteiros, instrumentos musicais e seus tocadores, assim como outras manifestações culturais (festas tradicionais) com a participação ritual dos mesmos.

- .Petac Silvestru Dorel, *Analiza calasului relatie cu dansurile rituale/cerimoniale masculine europene* (2014). Editora Etnologia, Universidade de Bucareste, Roménia. Nota: Integra um estudo comparado entre as danças “calasul” e as danças de pauliteiros, avançando com uma proposta de aplicação da etno coreografia às danças de pauliteiros. O autor é professor romeno de etno coreografia na Universidade de Bucarest e efetuou em 2014 uma residência de investigação no Centro de Música Tradicional Sons da Terra (Sendim).
- .Ana Veiga Ferreira, *Modernidade e tradição na cultura mirandesa: as danças de Pauliteiros de Miranda no contexto contemporâneo* (2014). Dissertação de mestrado em Comunicação, Arte e Cultura pela Universidade do Minho.
- .Ana Raquel Pinto Vaz das Neves, *Um solstício com potencial turístico: o espírito das saturnais no inverno transmontano*, 2015. Tese de Mestrado em Turismo, Ramo de Planeamento e Gestão em Turismo de Natureza e Aventura, Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril. Nota: Privilegiada a temática das mascaradas que, na sua relação com os pauliteiros, ocorre na Festa de São João Evangelista (Constantim).
- .Gema Rizo Estrada, *Lazos. Pauliteiros e danzas de palos en el Nordeste Transmontano, Zamora y Léon*, 2017. Prefácio de Mário Correia. Edição do Ledo – Centro de Estudios Benaventanos “Ledo del Pozo”, Benavente (Zamora). Nota: Uma abordagem muito rigorosa numa perspetiva metodológica de comparação para identificar semelhanças e diferenças.
- .Mário Correia, *A Dança dos Pauliteiros. Memória e Identidade da Terra de Miranda*, 2018 (reedição em 2022). Edição da Câmara Municipal de Miranda do Douro. Nota: Trata-se do mais completo estudo sobre as danças de pauliteiros - área de expansão, ocasiões performativas, origens e coreografia, viagens históricas e inventário exaustivo de todos os laços recolhidos ao longo dos tempos, fontes documentais e partituras.

- Acresce, complementarmente, a edição dos arquivos sonoros das recolhas musicais da tradição oral efetuadas por António Maria Mourinho, entre as quais ocupam plano de destaque primordial as danças de paulitos, a saber:
- Mário Correia; Domingos Morais; Olinda Santana, *De Boca em Boca: Sons e Palavras de Miranda*. António Maria Mourinho, 2010. Edição Centro de Música Tradicional Sons da Terra, Centro de Estudos António Maria Mourinho e Câmara Municipal de Miranda do Douro, Miranda do Douro (inclui CD ROM MP3).
- Mário Correia, *Recolhas Musicais da Tradição Oral: António Maria Mourinho. Arquivos Sonoros de Ilídio Cristal*, 2011. Edição do Centro de Música Tradicional Sons da Terra, Sendim (livro com CD MP3).
- Outras obras de Mário Correia sobre o património cultural imaterial mirandês contemplam aspetos relacionados com as danças dos pauliteiros, sobretudo no que se refere à sua atuação ritual nas festas tradicionais mereceram o apoio regular e sistemático assim como a promoção e divulgação por parte da Câmara Municipal de Miranda do Douro:
- *Raízes Musicais da Terra de Miranda: Miranda do Douro, Mogadouro e Vimioso* (2001). Sons da Terra, Vila Nova de Gaia.
- *Bi Benir la Gaita – Contributos para a História dos Gaiteiros Mirandeses* (2002). Edição do Instituto de Desenvolvimento Social, Lisboa.
- *Pauliteiros de Miranda (Cércio). Viagem a Londres. Royal Albert Hall, Janeiro, 1934* (2008). Edição do Centro de Música Tradicional Sons da Terra, Sendim.
- *Histórias de Vida dos Gaiteiros do Planalto Mirandês* (2012). Âncora Editora, Lisboa.
- *Tamborileiros & Fraiteiros da Terra de Miranda* (2013). Âncora Editora, Lisboa.
- *Ângelo Arribas – Gaiteiro & Tamborileiro Mirandês* (2014). Edição Centro de Música Tradicional Sons da Terra, Sendim.
- *As Mascaradas do Solstício de Inverno em Terras de Miranda do Douro. Contextos, Vivências e Paisagens Sonoras* (2021). Edição do Centro de Música Tradicional Sons da Terra, Sendim.
- *Gaiteiros em Tradição. A Família Fernandes* (2022). Edição do Centro de Música Tradicional Sons da Terra.

- *Os Ramos de Oferenda e as Loas Devocionais na Terra de Miranda* (2023). Edição Centro de Música Tradicional Sons da Terra, Sendim, 102 págs.
- *Rituais com Máscaras – Miranda do Douro: S. Pedro da Silva* (texto de Alfredo Cameirão), *Constantim, Vila Chã de Braciosa* (2015). Coordenação de Hélder Ferreira. Edição Progestur, Lisboa, 80 págs.

1.5 – Caracterização da relevância da manifestação do património cultural imaterial na sua relação com a missão, visão, valores e valores estratégicos da entidade requerente ou de outras entidades.

A Terra de Miranda constituiu, sempre, uma referência no Nordeste Transmontano em termos culturais, com as danças dos pauliteiros a ocuparem plano de destaque para a promoção e divulgação a nível nacional e internacional.

As dinâmicas de representação folclórica recebem apoio constante e direto por parte da autarquia, assegurando a presença em eventos performativos como os festivais de folclore e apresentação em actos e cerimónias oficiais, eventos estes que são muito importantes para auto-estima dos grupos, condição fundamental para estimular a respectiva continuidade, sendo as “saídas” uma contrapartida muito valorizada pelos mesmos.

Trata-se sobretudo de um apoio logístico assegurando a mobilidade, quer nacional quer internacional dos grupos. Este tipo de apoio enquadra-se no pressuposto assumido pela autarquia de que os grupos de pauliteiros são, por excelência, os embaixadores culturais da Terra de Miranda.

1.6 - Caracterização da relevância da manifestação do património cultural imaterial na sua relação com as atividades desenvolvidas em curso ou projetadas, pela entidade requerente ou por outras entidades.

A relevância da manifestação que é reconhecida pela Câmara Municipal de Miranda do Douro expressa-se em todas as atividades culturais desenvolvidas ao longo do ano, assegurando a presença dos grupos nas mais diversas e distintas ocasiões: atos e cerimónias

oficiais (locais, nacionais e internacionais), eventos econômicos (feiras e mercados municipais) e desportivos (presença na Fórmula 1 no Bahrein), programas de promoção turística (feiras e eventos de promoção turística nacionais e internacionais, como foi, por exemplo, o caso da presença na Exposição Universal no Dubai) e festas tradicionais mirandesas.

1.7 – Caracterização das principais ameaças à continuidade da prática e ou da transmissão da manifestação do PCI.

Presentemente, as danças rituais dos pauliteiros nas festas tradicionais em Miranda do Douro não correm riscos quanto à continuidade da prática ou de transmissão da manifestação.

As festas continuam a ter uma grande importância para a comunidade, pelo que contam com o apoio e a envolvimento das populações que a elas aderem com grande entusiasmo. Contudo, em termos futuros/médio prazo – prevemos duas décadas - estas tradições irão sofrer o problema da baixa densidade demográfica destes territórios que nas 2 últimas gerações perdeu quase 3/4 da sua população. Acrescente-se a este panorama uma população envelhecida com uma percentagem de idosos com mais de 65 anos na casa dos 39% do total da população do município de Miranda do Douro, valor superior à média nacional que era em 2021 de 23.4%, segundo os Censos desse ano.

1.8 – Caracterização de ações de salvaguarda e valorização que a manifestação do PCI tenha sido ou seja atualmente objeto, por parte da entidade requerente ou por outras entidades.

Pese embora a ameaça constante da baixa densidade demográfica e da progressiva perda de população residente, encontra-se assegurada a permanência dos grupos de pauliteiros em grande parte das povoações que integram o concelho de Miranda do Douro, a saber: Constantim, Ifanes, Malhadas, Póvoa, Miranda do Douro, Duas Igrejas, Fonte de Aldeia, Palaçoulo, Prado Gatão e Sendim.

Se a valorização dos grupos, por parte da Câmara Municipal de Miranda do Douro passa, de uma forma direta, por assegurar a sua presença em todos os atos e comemorações oficiais e apoiar as deslocações em termos de representação folclórica, no que se refere às danças rituais nas festas tradicionais o apoio - e consequente salvaguarda - assume uma forma indireta: a autarquia apoia as associações culturais e recreativas nas quais os grupos de pauliteiros se encontram integrados (um apoio que se baseia no plano de atividades anualmente apresentado para efeitos de obtenção do correspondente subsídio, que pode, por exemplo, destinar-se a substituir trajes e instrumentos) assim como as mordomias das referidas festas.

No entanto, neste caso, o apoio às mordomias das festas assume que a forma de ajuda em termos logísticos quer a forma de contributo financeiro mas destinados primordialmente às componentes lúdico-festivas e não propriamente à sua componente religiosa ou ritual na qual se integram e participam os grupos de pauliteiros (conforme descrito na caracterização desenvolvida).

Ações de salvaguarda

Ações aprovadas em assembleia municipal:

- a) Continuar o aprofundamento do estudo das Festas com Pauliteiros nas perspectivas histórica, sociológica, antropológica e turística;
- b) Criar na Biblioteca / Mediateca Municipal de Miranda do Douro uma secção de documentação e arquivo sobre as festas com Pauliteiros
- c) Estabelecer e melhorar a cooperação com outros municípios com manifestações similares
- d) Promover e/ou apoiar a realização de registo de imagens, filmes e documentários, sobre todos os processos associados aos Pauliteiros;
- e) Realizar um trabalho contínuo de levantamento, recolha e preservação de material audiovisual feito por amadores;
- f) Promover uma exposição temporária sobre os Pauliteiros que inclui bibliografia, iconografia (filmes, fotos e cartazes) e objetos associados às Festas com Pauliteiros

g) estabelecer um conjunto de atividades a desenvolver em contexto escolar pelo Agrupamento Vertical de Escolas de Miranda do Douro, com o objetivo de valorizar e promover a familiarização das crianças com esta manifestação do património cultural imaterial.

h) Produzir um filme dedicado às Festas com Pauliteiros, que possa servir de promoção e divulgação dos Pauliteiros em exposições, festivais, conferências e outros momentos que se julgue oportuno

Estas ações de Salvaguarda foram apresentadas e votadas favoravelmente em assembleia municipal. (***Vide em anexo documento oficial***)

2. Documentação da Relevância da manifestação de PCI:

A fim de caracterizar de forma diversificada e fundamentada as Festas com Danças Rituais dos Pauliteiros, constitui parte integrante do presente pedido de inventariação a seguinte documentação:

- a) documentação fotográfica
- b) documentação videográfica
- c) documentação sonora
- d) documentação escrita
- e) outra documentação
- f) listagem património associado
- g) documentação cartográfica
- h) listagem de património móvel associado

3. Direitos de propriedade intelectual

A Câmara Municipal de Miranda do Douro efetuou as necessárias diligências com vista a assegurar a devida identificação e respeito pelos direitos de propriedade intelectual que recaem sobre a documentação referida no anexo / Documentação e no Anexo II; *Fundamentação do pedido de inventariação / 2. Documentação da relevância da*

manifestação, nomeadamente a documentação bibliográfica, fotográfica, videográfica, gráfica, cartografia e outra documentação escrita.

Mais se declara que apenas poderá ser objecto de divulgação pública, através da base de dados do Inventário Nacional do Patrimônio Cultural Imaterial. a seguinte documentação fornecida em suporte digital em anexo ao presente pedido:

- a) Anexos fotográficos referidos no Anexo II/1 que sejam pertença da CM de Miranda do Douro ou da Associação ADGTCP - Progestur
- b) Todos os documentos gráficos referidos no Anexo I/3 que sejam pertença da CM de Miranda do Douro ou da Associação ADGTCP - Progestur

4. Direito à imagem

A Câmara Municipal de Miranda do Douro efetuou as necessárias diligências para que os espécimes fotográficos e fílmicos integrantes deste pedido de inscrição no INPCI observem o devido respeito pelo direito à imagem dos indivíduos neles retratados.

5. Proteção de dados pessoais

A Câmara municipal de Miranda do Douro efetuou as necessárias diligências para que toda a informação constante do presente pedido de inscrição no INPCI, independentemente da sua natureza ou suporte e designadamente no âmbito do disposto no artigo 29º do decreto-lei número 139/2009, de 15 de junho, observe o disposto na legislação aplicável em matéria de proteção de dados pessoais.

6. Declaração de compromisso

Anexa-se a este pedido de inventariação em suporte digital e formato PDF, declaração de compromisso da Presidente da Câmara Municipal de Miranda do Douro, Dr.ª Helena Barril, atestando a veracidade dos fatos e motivos expostos no presente pedido de inventariação.

7. Pedido de inventariação e procedimento

A apresentação deste pedido de inventariação é da responsabilidade da entidade promotora - município de Miranda do Douro - tendo sido elaborado através de Hélder Rui Godinho da Silva Ferreira, licenciado em sociologia pela universidade Lusófona de Lisboa enquanto coordenador de uma equipa que contou com o etnomusicólogo Mário Correia como investigador principal e especialista em Portugal das Danças Tradicionais com paulitos e da mestranda em antropologia pelo ISCTE, Elisa Maria Martins Alves. Os conteúdos audiovisuais sempre que foi necessário recorrer a trabalho externo, estiveram a cargo de André João Ferreira licenciado em cinema pela Universidade Lusófona de Lisboa

Foram contributos fundamentais os pareceres do professor doutor José Fialho antropólogo e sociólogo.

O trabalho mereceu uma investigação de vários meses efetuada na Torre do Tombo e na Biblioteca Nacional, ambos em Lisboa e em vários arquivos regionais, assim como reuniões com responsáveis e técnicos de museus nacionais que apresentam no seu acervo materiais ou referências aos pauliteiros de Miranda do Douro.

8. Recolha e tratamento de informação

8.1 – O processo de identificação, estudo e documentação de que resulta o presente pedido de inventariação, iniciou-se em setembro de 2019. Após meses de investigação bibliográfica, iniciou-se o trabalho de campo com observação participante, registo fotográfico e vídeo, entrevistas semi orientadas, continuando a ser necessário complementar a informação bibliográfica e audiovisual. Esta fase de trabalho finalizou-se em finais de 2022 tendo o trabalho sido afetado e por isso prolongado no tempo devido aos problemas da pandemia – CONVID - que assolou o país. A submissão do trabalho a 10 de julho de 2023, é feita para coincidir com o dia da cidade tal como aconteceu em 2022 com o pedido de inventariação da Confeção da Capa de Honras, já aprovado a 30 de novembro de 2022 e elaborado pela mesma equipa académica responsável deste pedido.

8.2 – De acordo com o definido pela portaria Nº 196/ 2010 de 9 de abril, especificamente o constante do artigo 8, que diz respeito ao cumprimento dos requisitos em habilitações

académicas e curriculares dos responsáveis pela elaboração de pedidos de inventário, o estudo e documentação deste pedido, Danças Rituais dos Pauliteiros nas Festas Tradicionais de Miranda do Douro, resulta do trabalho desenvolvido no terreno por Hélder Rui Ferreira, licenciado em sociologia pela Universidade Lusófona de Lisboa e Mário Correia, etnomusicólogo, tendo contado com a colaboração da Mestre em antropologia, Elisa Alves.

O gabinete de comunicação da Câmara de Miranda do Douro, disponibilizou vários conteúdos audiovisuais presentes neste pedido de inventariação, tendo-se recorrido quando necessário ao trabalho externo de André Alves Ferreira enquanto especialista de multimédia. A apresentação do pedido de inventariação e a preparação das listagens documentais, foram da responsabilidade de André Lopes, designer gráfico.

A equipa pode ainda contar com a colaboração do professor doutor José Fialho reconhecido antropólogo e sociólogo

Ao longo do trabalho nunca deixamos de trocar impressões com técnicos e responsáveis de outras candidaturas já entregues e aprovadas que fazem parte do inventário nacional do PCI.

Entidade requerente

Este pedido de inventariação é apresentado pela Câmara municipal de Miranda do Douro, na qualidade de entidade pública de gestão municipal atualmente representando a população de Miranda do Douro, com vista à preservação dos valores culturais e identidade da comunidade mirandesa e da sua vontade de verem salvaguardada uma utilização tradicional que reconhecem intrinsecamente como sua.

Atividades

O conjunto de atividades tendo em conta a salvaguarda e a valorização das Danças Rituais dos Pauliteiros nas Festas tradicionais em Miranda do Douro, encontra-se expressa e detalhadamente consignada nas rubricas consagradas às metodologias e programas de salvaguarda e valorização, tendo em consideração o diagnóstico de riscos e ameaças identificados.



DANÇAS RITUAIS DOS PAULITEIROS

nas festas tradicionais
de Miranda do Douro

Inventário Nacional
do Património Cultural
Imaterial

DOCUMENTAÇÃO ANEXADA

ÍNDICE

Documentação Escrita - Gráfica	110
Documentação Fotográfica	112
Documentação Video	116

Documentação Escrita – Gráfica

N.º	Autor	Data	Local	Descrição	Proprietário
072	Progestur	2023		Mapa de Portugal com destaque a Miranda	Progestur
073	Progestur	2023		Mapa das Freguesias de Miranda do Douro	Progestur
074	CM Miranda	2021		Aprovação em reunião de Câmara do BIC	CM Miranda
075	CM Miranda	2021		Ata de Assembleia	CM Miranda
076	Jornal Nordeste			Artigo de Imprensa	Centro de Música Tradicional Sons da Terra
077				Artigo de Imprensa	Centro de Música Tradicional Sons da Terra
078	A Voz do Nordeste	2003		Artigo de Imprensa	Centro de Música Tradicional Sons da Terra
079	Jornal Nordeste	2005		Artigo de Imprensa	Centro de Música Tradicional Sons da Terra
080	Jornalista Fernando J. Almeida	1994		Artigo de Imprensa	Centro de Música Tradicional Sons da Terra
081	Mensageiro de Bragança	1993		Artigo de Imprensa	Centro de Música Tradicional Sons da Terra
082	Jornalista Fernanda Magalhães			Artigo de Imprensa	Centro de Música Tradicional Sons da Terra
083	Mensageiro de Bragança			Artigo de Imprensa	Centro de Música Tradicional Sons da Terra
084	Jornalista Virgínia do Carmo	1999		Artigo de Imprensa	Centro de Música Tradicional Sons da Terra

085	Mensageiro de Bragança	2001		Artigo de Imprensa	Centro de Música Tradicional Sons da Terra
086	Mensageiro de Bragança	2002		Artigo de Imprensa	Centro de Música Tradicional Sons da Terra
087	Mensageiro de Bragança	2002		Artigo de Imprensa	Centro de Música Tradicional Sons da Terra

Documentação fotográfica

N.º	Autor	Data	Local	Descrição	Proprietário da Imagem
001		1906	Lisboa	Pauliteiros de Constantim	
002		1906	Lisboa	Pauliteiros de Constantim	
003		1932	Vila Real	Pauliteiros de Cércio	
004		1934	Londres	Pauliteiros de Cércio	The English Folk Dance and Songs Society
005		1934	Londres	Pauliteiros de Cércio	The English Folk Dance and Songs Society
006		1947	Porto	Grupos de Duas Igrejas e Cércio	
007		1946	Angola	Grupos de Duas Igrejas e Cércio	
008		1956	Gijón	Atuação do Grupo de Pauliteiros de Duas Igrejas	
009		1976	USA	Grupos de Duas Igrejas	
010		1983	Macau	Grupos de Duas Igrejas	
011	Progestur	2021	Porto	Apresentação no Palácio da Bolsa	Progestur
012	Progestur	2021	Porto	Apresentação no Palácio da Bolsa	Progestur
013		2021	Miranda do Douro	Visita do Presidente da República da MD	JN
014	Progestur	2021	Dubai	Presença na Exposição Mundial do Dubai	Progestur
015	Alcides Meirinhos	2006	São Martinho de Angueira	Festa de Nossa Senhora do Rosário (1)	Alcides Meirinhos
016	Alcides Meirinhos	2006	São Martinho de Angueira	Festa de Nossa Senhora do Rosário (2)	Alcides Meirinhos
017	Alcides Meirinhos	2006	São Martinho de Angueira	Festa de Nossa Senhora do Rosário (3)	Alcides Meirinhos
018	Alcides Meirinhos	2006	São Martinho de Angueira	Festa de Nossa Senhora do Rosário (4)	Alcides Meirinhos
019	Alcides Meirinhos	2006	São Martinho de Angueira	Festa de Nossa Senhora do Rosário (5)	Alcides Meirinhos
020	Mário Correia		Quinta do Cordeiro	Festa de Santo Isidro Lavrador (1)	Mário Correia

021	Mário Correia		Quinta do Cordeiro	Festa de Santo Isidro Lavrador (2)	Mário Correia
022	Mário Correia		Quinta do Cordeiro	Festa de Santo Isidro Lavrador (3)	Mário Correia
023	Mário Correia		Quinta do Cordeiro	Festa de Santo Isidro Lavrador (4)	Mário Correia
024	Mário Correia		Quinta do Cordeiro	Festa de Santo Isidro Lavrador (5)	Mário Correia
025	Progestur	2022	Cércio	Festa de São Brás (1)	Progestur
026	Progestur	2022	Cércio	Festa de São Brás (2)	Progestur
027	Progestur	2022	Cércio	Festa de São Brás (3)	Progestur
028	Progestur	2022	Cércio	Festa de São Brás (4)	Progestur
029	Progestur	2022	Cércio	Festa de São Brás (5)	Progestur
030	Progestur	2016	Constantim	Festa de São João Evangelista (1)	Progestur
031	Progestur	2016	Constantim	Festa de São João Evangelista (2)	Progestur
032	Progestur	2016	Constantim	Festa de São João Evangelista (3)	Progestur
033	Progestur	2016	Constantim	Festa de São João Evangelista (4)	Progestur
034	Progestur	2016	Constantim	Festa de São João Evangelista (5)	Progestur
035	Progestur	2016	Constantim	Pauliteiros de Constantim (6)	Progestur
036	Mário Correia	2018	Palaçoulo	Pauliteiros de Palaçoulo (1)	Mário Correia
037	Mário Correia	2018	Palaçoulo	Pauliteiros de Palaçoulo (2)	Mário Correia
038	Mário Correia	2018	Palaçoulo	Pauliteiros de Palaçoulo (3)	Mário Correia
039	Mário Correia	2018	Palaçoulo	Pauliteiros de Palaçoulo (4)	Mário Correia
040	Mário Correia	2018	Palaçoulo	Pauliteiros de Palaçoulo (5)	Mário Correia
041	Hélder Pera	2022	Prado Gatão	Pauliteiros de Prado Gatão (1)	Hélder Pera
042	Hélder Pera	2022	Prado Gatão	Pauliteiros de Prado Gatão (2)	Hélder Pera
043	Hélder Pera	2022	Prado Gatão	Pauliteiros de Prado Gatão (3)	Hélder Pera

044	Hélder Pera	2022	Prado Gatão	Pauliteiros de Prado Gatão (4)	Hélder Pera
045	Mário Correia	2023	Póvoa	Pauliteiros da Póvoa na Festa do Menino (1)	Mário Correia
046	Mário Correia	2023	Póvoa	Pauliteiros da Póvoa na Festa do Menino (2)	Mário Correia
047	Mário Correia	2023	Póvoa	Pauliteiros da Póvoa na Festa do Menino (3)	Mário Correia
048	Mário Correia	2023	Póvoa	Pauliteiros da Póvoa na Festa do Menino (4)	Mário Correia
049	Mário Correia	2023	Póvoa	Pauliteiros da Póvoa na Festa do Menino (5)	Mário Correia
050	ARdT		Póvoa	Pauliteiros da Póvoa na Festa da Nossa Senhora do Rosário (1)	ARdT
051	ARdT		Póvoa	Pauliteiros da Póvoa na Festa da Nossa Senhora do Rosário (2)	ARdT
052	ARdT		Póvoa	Pauliteiros da Póvoa na Festa da Nossa Senhora do Rosário (3)	ARdT
053	ARdT		Póvoa	Pauliteiros da Póvoa na Festa da Nossa Senhora do Rosário (4)	ARdT
054	ARdT		Póvoa	Pauliteiros da Póvoa na Festa da Nossa Senhora do Rosário (5)	ARdT
055	Progestur	2022	Palaçoulo	Traje de Pauliteiro de Palaçoulo (1)	Progestur
056	Progestur	2022	Palaçoulo	Traje de Pauliteiro de Palaçoulo (2)	Progestur
057	Progestur	2022	Palaçoulo	Traje de Pauliteiro de Palaçoulo (3)	Progestur
058	Progestur	2022	Palaçoulo	Traje de Pauliteiro de Palaçoulo (4)	Progestur
059	Progestur	2022	Palaçoulo	Traje de Pauliteiro de Palaçoulo (5)	Progestur
060	Progestur	2022	Palaçoulo	Traje de Pauliteiro de Palaçoulo (6)	Progestur
061	Progestur	2022	Palaçoulo	Traje de Pauliteiro de Palaçoulo (7)	Progestur
062	Progestur	2022	Palaçoulo	Traje de Pauliteiro de Palaçoulo (8)	Progestur
063	Progestur	2022	Palaçoulo	Traje de Pauliteiro de Palaçoulo (9)	Progestur
064	Progestur	2022	São Martinho	Traje de Pauliteiro de São martinho (1)	Progestur
065	Progestur	2022	São Martinho	Traje de Pauliteiro de São martinho (2)	Progestur
066	Progestur	2022	São Martinho	Traje de Pauliteiro de São martinho (3)	Progestur

067	Progestur	2022	São Martinho	Traje de Pauliteiro de São martinho (4)	Progestur
068	Progestur	2022	São Martinho	Traje de Pauliteiro de São martinho (5)	Progestur
069	Progestur	2022	São Martinho	Traje de Pauliteiro de São martinho (6)	Progestur
070	Progestur	2022	São Martinho	Traje de Pauliteiro de São martinho (7)	Progestur
071	Progestur	2022	São Martinho	Traje de Pauliteiro de São martinho (8)	Progestur

Documentação Video

N.º	Autor	Data	Local	Descrição	Proprietário da Imagem
001	ADGTCP		Constantim	Gaiteiros da Festa a percorrer a aldeia	ADGTCP
002	ADGTCP		Constantim	Danças dos Pauliteiros	ADGTCP
003	ADGTCP		Constantim	Danças dos Pauliteiros	ADGTCP
004	ADGTCP		Constantim	Pauliteiros recebidos em casa	ADGTCP
005	ADGTCP		Constantim	Cerimonia dentro da Igreja	ADGTCP
006	ADGTCP		Constantim	Pauliteiros dançam no adro da igreja	ADGTCP
007	ADGTCP	2022	Cércio	Festa de São Brás	ADGTCP
008	ADGTCP	2022	Cércio	Festa de São Brás	ADGTCP
009	ADGTCP	2022	Cércio	Festa de São Brás	ADGTCP
010	ADGTCP	2022	Palaçoulo	Entrevista	ADGTCP